

meu
maior
pedaço

HELENA SOLON



Meu maior pedaço

~Helena Solon~

2018

Copyright © 2018 Helena Solon

Capa: Dri K.K.

Revisão: Margareth Antequera

Diagramação Digital: Margareth Antequera

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Sinopse

Antonella era uma moça simples, ganhava a vida trabalhando como monitora em um restaurante de luxo em São Paulo.

Hugo um juiz que nunca havia se apaixonado, se esbarrou acidentalmente com ela, em uma festa de aniversário, e depois de vê-la, ele ficou encantado por aquela moça de cabelos cor de fogo, que conseguiu lhe roubar o sono.

Depois deste dia, sua imagem não lhe saía da cabeça, então passou a ficar na frente do restaurante nos finais semana, só para vê-la.

Fez isso por várias semanas, até o dia que Antonella teve um problema com seu carro, e Hugo achou uma excelente ocasião para se aproximar dela.

Depois de vê-la em sua frente, e sentir seu perfume, ele ficou certo que ela era a mulher que ele tanto buscava. E foi desta forma que a vida dos dois tomaram o mesmo rumo.

Hugo um homem mais velho, um juiz renomado, se curvou diante daquela paixão avassaladora. Antonella uma mulher bonita, que só tinha como objetivo se formar e ajudar seu pai, se deparou com seu primeiro amor.

"Meu maior pedaço" - Fala sobre família, amor e cumplicidade.

Um homem que já tinha tudo e uma mulher que lutava para ter o básico. Assim nasceu um grande amor, que foi tomando forma, dando forma, mudando, e os completando em um encaixe perfeito.

Índice

[Capítulo 1](#)
[Capítulo 2](#)
[Capítulo 3](#)
[Capítulo 4](#)
[Capítulo 5](#)
[Capítulo 6](#)
[Capítulo 7](#)
[Capítulo 8](#)
[Capítulo 9](#)
[Capítulo 10](#)
[Capítulo 11](#)
[Capítulo 12](#)
[Capítulo 13](#)
[Capítulo 14](#)
[Capítulo 15](#)
[Capítulo 16](#)
[Capítulo 17](#)
[Capítulo 18](#)
[Capítulo 19](#)
[Capítulo 20](#)
[Capítulo 21](#)
[Capítulo 22](#)
[Capítulo 23](#)
[Capítulo 24](#)
[Capítulo 25](#)
[Capítulo 26](#)
[Capítulo 27](#)
[Capítulo 28](#)
[Capítulo 29](#)
[Epílogo](#)

Capítulo 1

Marcos havia me convidado para a festa de aniversário do seu filho mais velho, que estava completando seis anos. Falei que iria ver, pois eu fugia de aniversários de crianças. Acabava ficando irritado com o barulho, e ainda perdia meu fim de semana.

Alguns dias antes ele foi até minha casa para confirmar minha presença. Quase arrumei uma desculpa, mas ele era um dos meus melhores amigos, e nos conhecíamos há mais de vinte anos.

Ano passado eu estava viajando, mas hoje ele estava me intimando, e eu não tinha desculpas para cair fora.

— Se disser que não irá, Cláudia ficará chateada. Custa fazer um esforço? Sei que não é um programa muito legal para um solteirão, mas faz parte. Todos os nossos amigos estarão lá. E aí!

— OK. Diga a ela que eu irei, mas vou ficar pouco. O que eu não faço para agradar os amigos!

Ele saiu rindo, e eu fui terminar de olhar alguns casos, que seriam julgados no dia seguinte. Parei e fiquei pensando. Marcos era advogado em uma construtora, e era meu melhor amigo. Fui padrinho de casamento deles, e tinha muito bem querer por sua esposa, Cláudia. Às vezes tinha até um pouco de inveja do casal, pois eles eram um par exemplar... Um par que eu sonhava ter um dia.

Eles tinham três filhos, sendo que o do meio era meu afilhado. Invejava a forma que educavam seus filhos, e do quanto eles se amavam. Eu estava com quarenta anos, e nunca havia encontrado uma mulher que me tirasse do prumo.

Muitas vezes me questionava se não era eu quem espantava as possíveis pretendentes. Quando era mais jovem, até me apaixonei algumas vezes, mas meu trabalho era mais importante, e agora que estava mais velho e com tempo, nenhuma mulher me encantava.

Quase todos os meus amigos eram casados, ou noivos, e isso às vezes me incomodava, porque eu me sentia um ser de outro planeta quando nos reuníamos, e eles falavam a maior parte do tempo sobre filhos e esposas.

Na verdade, acho que eu tinha um pouco de inveja deles, pois vê-los sempre falando bem de suas esposas e filhos, me causava certo desconforto, pois eu não tinha nada para falar, desta forma ficava só ouvindo, e imaginando se um dia eu teria o mesmo assunto para compartilhar com eles.

Marcos sabia o quanto eu queria ter uma família, e do quanto estava difícil arrumar uma parceira que me completasse. Saía bastante, mas nunca nenhuma mulher me encantava, me passava segurança, ou sentimento de que seria meu par perfeito.

Às vezes, até duvidava que um dia fosse encontrar meu par, pois cada ano que se passava eu ficava mais exigente, desta forma, era muito mais difícil me relacionar com as mulheres que frequentavam os mesmos lugares que eu.

Já havia me acostumado com minha solteirice, desta forma quando saía nem me dava ao trabalho de ficar procurando uma mulher que me completasse, ou que fizesse meu coração perder o compasso.

Toda semana tínhamos um evento entre amigos, e era sempre em casais. Mesmo adorando a companhia, muitas vezes me sentia deslocado, e Marcos percebendo meu desconforto, mudava de assunto falando sobre futebol ou política.

Algumas vezes eu arrumava uma desculpa, mas hoje não teve jeito.

Voltei aos casos que requeriam minha atenção. Ser um Juiz da Vara de Família requeria muito estudo, e muita diplomacia para lidar com cada caso, e por esta razão eu gostava de analisar muito bem, e em casa era sempre mais confortável.

Na sexta-feira na hora do almoço, fui comprar o presente do Huguinho, (meu xará). Perdi duas horas na loja, porque não tinha ideia do que levar para um garoto de seis anos, que tinha praticamente tudo. Mesmo a atendente me mostrando tudo que tinha de mais moderno, eu demorei.

Saí da loja com o que achei mais apropriado, e já deixei no carro para o dia seguinte. A festa seria na hora do almoço, em um restaurante muito famoso para festas infantis.

À noite fui tomar cerveja com o único amigo que era divorciado, e livre. Henrique casou e foi um casamento cheio de pompas, dois anos depois estavam separados. Ele dizia que ela era um purgante, já ela dizia que ele era mulherengo. Como tinha amizade com os dois, nunca entrei no mérito da questão.

Henrique era um *Bon Vivant*, e gostava de aproveitar a vida, e talvez esse tenha sido o real motivo da separação.

O bar estava lotado de mulheres bonitas, mas nenhuma havia me despertado interesse, e quando falei que iria embora, Henrique falou rindo:

— Hugo vai sair no melhor da festa? Fique mais uma horinha. Viu quantas mulheres bonitas?

— Tem razão. As mulheres são lindas, mas não me causaram nenhuma impressão. Esta semana eu trabalhei demais, e amanhã é o aniversário do Huguinho. Você vai?

— Estou fora! Amanhã vou descer para praia, e só volto na segunda-feira. Você sabe o quanto fujo destas festas. Não vou deixar de curtir uma praia no verão, para cantar parabéns a um pirralho que só sabe gritar. Como você aguenta?

— Vida boa a sua. Estas comemorações fazem parte, Henrique. Depois não pretendo ficar muito. Só não posso deixar de comparecer. Segunda-feira eu estarei atolado de trabalho. Tenho duas audiências difíceis. Marcos sabe que você não vai?

— Sabe. Falei que iria viajar. Ele não gostou muito e ainda reclamou dizendo que não apareço mais nos encontros semanais, mas expliquei que estou de olho em uma garota, que está sempre na praia que frequento. Quem sabe este fim de semana não rola alguma coisa? Se me der na telha, vou descer assim que sair daqui.

Esse era Henrique, sempre de olho em alguma mulher, mas nunca ficava com nenhuma. O deixei no bar, e fui para casa.

Meu apartamento era o meu refúgio. Ali eu tinha tudo que precisava. Era um belo apartamento. Cláudia, esposa do Marcos, era arquiteta, e foi ela quem decorou meu apartamento, e ela era boa nisso, pois todos elogiavam a decoração.

Tomei outro banho, e deitei já pensando no que me esperava no dia seguinte. Não sabia porque crianças gritavam tanto! Cláudia havia dito que aquele restaurante tinha tudo para distrair as crianças, e era nisso que eu estava apostando.

No dia seguinte acordei e fui correr como fazia todas as manhãs, depois passei na padaria para tomar café. Marcos ligou para passar o endereço do restaurante, e mais uma vez me intimou a não faltar a tal festa.

Coloquei calça jeans com camiseta lilás, e lá fui eu para aquela tortura psicológica... Sim, era sem dúvida alguma uma tortura psicológica, ouvir aquelas crianças gritarem até para pedirem água.

Capítulo 2

Na verdade, era eu que não gostava de barulho, pois todas as crianças apesar de gritarem em demasia, eram educadas, e quando me viam se penduravam em minhas pernas. Cláudia dizia que eu precisava arrumar uma namorada e ter filhos, e só assim eu entenderia melhor as crianças.

Mal sabia ela o quanto eu sonhava em encontrar uma mulher que me tirasse do prumo, e poder com ela formar uma família. Mas pelo andar da carruagem, só ficaria no sonho, pois a cada ano que passava, além de ficar mais velho, ficava mais exigente.

O restaurante era bem bonito, e projetado para crianças. A frente era uma sala de leitura com uma extensa biblioteca. Ao meio, a mesa *self-service*. Deixei o presente com a recepcionista, e fui procurar o pessoal.

Nos fundos havia mesas rodeadas por enormes árvores, dando a sombra necessária para quem estava sentado, e mais adiante uma brinquedoteca com monitores, que faziam a recreação. Até estranhei, pois na mesa só havia os adultos. Nenhum barulho, o que minha cabeça agradeceu. Cumprimentei a todos, e falei rindo:

— Deixaram as crianças em casa, ou amordaçaram seus filhos?

— Não seja maldoso, Hugo! Eu te falei que os monitores daqui são excelentes, e hipnotizam as crianças. — Disse Cláudia me abraçando.

— Melhor assim. Lembre-me de dar uma bela gorjeta a estes monitores, porque até o filho de Daniel, que grita sem parar, está mudo. Eles almoçaram?

— Já. Almoçaram com os monitores. Saiu ontem com aquele mulherengo do Henrique?

— Saí, mas fiquei pouco. Ele desceu para praia.

— Henrique está em outra *vibe*, agora. Nem sei o porquê perco meu tempo mandando convites a ele. — Disse Cláudia chateada.

— Não se aborreça por isso, minha amiga! Henrique sempre foi assim. Mesmo casado ele sempre arrumava desculpas para não participar dos nossos encontros. É o jeito dele, e tem de se acostumar com isso.

Marcos me serviu uma dose de uísque, e ficamos conversando. Estávamos em nove adultos. Marcos com Cláudia, Daniel com Alice, Getúlio com Sandra, Ari com Ivone, e eu.

Os endiabrados, que era a maioria, estavam com os monitores, e com

certeza amordaçados, pois não se ouvia um espirro, o que de certa forma aguçou a minha curiosidade.

Acho que eu nunca tinha estado em um aniversário de criança, sem criança, e quando falei, todos gargalharam. Marcos me abraçou.

— Viu como aqui é ideal para estas festinhas?

— Será que não amordaçaram as crianças?

Falei rindo, porque aquilo não era comum. Na verdade, mal conversávamos, porque eles não paravam um minuto. Aproveitamos para colocar a conversa em dia. As entradas estavam maravilhosas, e a comida um manjar dos deuses.

Fui ao banheiro, e na volta resolvi matar a minha curiosidade, porque já fazia três horas que estávamos ali, e por incrível que parecesse, eu ainda não tinha visto uma criança.

Aquilo não era normal, e eu precisava me certificar que realmente aqueles diabinhos estavam naquela sala aos fundos.

Quando entrei vi todos sentados com os olhos fixos na branca de neve, que agora estava cantando. Os meninos nem me viram de tão compenetrados que estavam. Ela saiu por uma porta, e segundos depois entrou por outra vestida de garoto. Usava boné, e calça com suspensório.

Parecia um garotinho, e falava imitando um menino de rua abandonado, e que precisava encontrar seus pais.

Realmente ela era boa, pois até eu fiquei ouvindo suas histórias, e depois as músicas. Todas as crianças estavam com o rosto pintado, e cada um com uma pintura diferente. Até isso achei interessante, pois as pinturas eram muito bem feitas.

Ela era versátil, e sabia prender a atenção daquelas crianças endiabradas. Além de ser versátil, tinha uma voz melodiosa, que encantava as crianças. Deveria ser isso... Com certeza ela hipnotizava as crianças, pois se me contassem eu jamais acreditaria.

Ela sempre chamava algumas crianças para participar da brincadeira, enquanto os demais ficavam sentados, e mudos. Realmente ela exercia poderes sobre eles. Voltei à mesa, e falei dando risada:

— Juro que eu nunca vi nada igual. Essa monitora sabe como calar seus filhos. Vocês deveriam contratá-la em nossas reuniões aos fins de semana.

— Está com saudades dos gritos, meu amigo? Às 16 horas ela encerra, e aí você os terá de volta. — Disse Ari batendo em meu braço.

— Vou embora antes. — Falei dando um soco em seu braço.

O garçom trouxe o café, e quando eu ia tomar, a avalanche de crianças saiu como se tivessem aberto as portas dos currais, o que me fez gargalhar. Cláudia me olhou e caiu na risada de ver minha cara.

Eles falavam todos ao mesmo tempo... Na verdade, crianças não falavam, gritavam, e o que estava bom, degingolou.

Não via a hora de poder estar no silêncio do meu apartamento. Marcos dizia que eu jamais teria filhos, pois toda criança falava alto ou gritava quando queria alguma coisa. Eu dava risada do jeito que ele falava.

Cláudia colocou o bolo para cantar os parabéns, pois nem ela estava aguentando a balburdia em volta da mesa, pois agora eram eles na íntegra.

Quando arrastei a cadeira para me levantar, bati em alguém, e só vi Daniel segurando a pessoa. Quando me virei para ver o estrago que eu havia feito, dei de cara com uma ruiva maravilhosa. Ela estava de shorts, e suas pernas eram de tirar o fôlego de qualquer mortal.

Capítulo 3

Pedi desculpas, mas sem tirar os olhos dela, enquanto Daniel pegava sua bolsa do chão. Aqueles cabelos vermelhos me hipnotizaram. Ela mandou um beijo para as crianças, e saiu apressada. Marcos me trouxe de volta ao mundo real.

— Esta é a monitora. Vai ser bonita lá em casa. Viu os cabelos? — Disse Marcos piscando para mim.

Cláudia deu um beliscão nele, e os dois se abraçaram. Nem prestei atenção no que falavam, pois meus sentidos estavam naquela mulher belíssima. Daniel e Getúlio começaram a rir, pois notaram meu jeito de imbecil, quando olhei para aquela moça.

— Hugo feche a boca ou a baba irá cair. Ela é linda sim, mas é uma adolescente, pelo visto. — Disse Cláudia me abraçando.

Cantamos o Parabéns, e cortaram o bolo com as crianças gritando bem em meus ouvidos. Comi um pedaço, e me despedi de todos. Hoje pelo menos deu para conversarmos.

Quando passei pelo salão, tive uma vontade louca de perguntar sobre a tal moça de cabelos de fogo, mas usei o bom senso.

Naquela noite dormi pensando nela, e pela manhã resolvi ir almoçar no mesmo restaurante, só para vê-la, nem que fosse por mais alguns minutos. Caprichei no visual para fazer bonito, e lá fui eu. Cheguei por volta das 13 horas, arrumei uma mesa bem localizada, e pedi cerveja com antepasto.

Claro que eu estava me portando feito um adolescente, e pensar nisso me fez rir sozinho. Se algum amigo me visse ali, com certeza eu iria arrumar uma mentira qualquer, pois era insano demais o que eu estava fazendo, mas era muito mais forte do que eu.

O silêncio era o mesmo de ontem, o que deduzi ser pela moça de cabelos de fogo, que tirou meu sono.

Fui até onde ela ficava, e fiquei observando tudo que ela fazia. Cada movimento, cada palavra, cada brincadeira. Peguei o celular e comecei a filmar e bater fotos, como se fosse um pai fotografando seu filho.

Ela estava de peruca Afro, e agora dançava Frevo com outras crianças. Logo depois ela sentou, e as crianças fizeram uma roda a sua volta, então ela começou a contar a história do *João e o Pé de Feijão*. As crianças nem piscavam, e eu estava inebriado com a sua voz.

Para disfarçar voltei à mesa, e me servi da salada, mas meus sentidos estavam na sala dos fundos. Nem comi o segundo prato, e pedi o café. Voltei aos fundos, e ela agora estava sambando, e ensinando as crianças. Vê-la sambar já valeu meu dia.

Logo ela estava de cigana, e contando outra história. Olhei o relógio, faltava pouco para às 16 horas. Tomei outro café, paguei a conta e sai.

Hoje iria ficar no carro para vê-la saindo, pois aquele rosto, e aqueles cabelos me enfeitiçaram. Fiquei sentado no carro esperando.

Passava das 16 horas quando ela saiu, e hoje estava ainda mais bonita. Usava saia longa estampada, e top.

Seus cabelos estavam presos, mas isso não tirava sua beleza. Ela continuava com a pintura no rosto, o que achei interessante.

Ela passou perto do meu carro, e atravessou a rua. Sai devagar para não ser notado, e a vi entrando em seu carro. Pensei em segui-la, mas me contive. O que eu estava fazendo? Por que aquela mulher estava mexendo tanto comigo?

Estava me sentindo um colegial. Se os meus amigos soubessem o que eu havia feito, me chamariam de louco..., Mas era isso mesmo que eu era. Só um louco para ter voltado ali, só para vê-la.

Fui para casa, e quando cheguei me joguei no sofá com o celular nas mãos. Olhei cada foto e cada filmagem, que eu havia feito, e fiquei ainda mais convencido que ela era a mulher mais linda que eu já havia visto.

Na segunda-feira Marcos foi almoçar comigo para agradecer o presente, e perguntou o que eu havia feito no domingo. Menti descaradamente dizendo que eu havia ficado em casa trabalhando, porque me envergonhava do que havia feito. Ele com certeza não entenderia, pois, nem eu estava entendendo meu comportamento.

Aquela semana não foi fácil, e eu não via a hora de chegar sábado, para vê-la, novamente. Cláudia havia comentado que só havia monitores nos fins de semana, e eu estava contando com isso.

Na sexta-feira nem sai com os amigos de tão ansioso que estava. Sábado coloquei um boné para tentar disfarçar, e fui um pouco mais tarde. Quando a vi, meu coração disparou. Hoje ela estava vestida de Sininho, personagem do clássico Peter Pan. Prestei bastante atenção em seu rosto, e ela era linda! Boca carnuda, olhos amendoados, covinhas nas bochechas, e pele de pêssego.

Com certeza ela deveria ter menos da metade da minha idade, e pensar nisso me deixou desanimado. Almocei, e fui para o carro esperar que ela saísse. Hoje ela se atrasou, e quando a vi, tive vontade de sair do carro e me apresentar. Ela usava jeans, e seu corpo era lindo.

Quando ela passou deixou cair um lenço que estava amarrado em sua bolsa. Pensei em pegar e entregar a ela, mas preferi guardá-lo comigo. Seu perfume estava naquele lenço, e sentir seu perfume já me bastava, naquele momento. Ela entrou no carro e saiu apressada. Anotei a placa do carro, e sai.

Em casa fiquei com aquele lenço, e seu perfume era um bálsamo. Eu precisava arrumar um jeito de falar com ela, porque não estava certo eu ir todo fim de semana naquele restaurante, pois logo ela notaria.

Pensei em conversar com Marcos, mas era insano demais para um Juiz dizer tais coisas, mesmo que fosse para seu melhor amigo.

Capítulo 4

No domingo não entrei no restaurante, mas estacionei atrás do carro dela. Eu só precisava vê-la para aliviar meu coração. Eu sabia, tinha consciência que não era certo o que eu estava fazendo, mas era mais forte do que eu.

Eu vivia contando os dias e as horas para chegar o fim de semana só para vê-la, mesmo que fosse de longe. Ninguém em sã consciência entenderia esse arroubo.

Quando a vi atravessando a rua, meu coração parecia que ia sair pela boca. Ela estava de shorts e top, e com os cabelos presos. Fiquei em estado de graça só de vê-la, e isso já me bastava. Se alguém do Tribunal me visse nesta situação, com certeza me chamariam de louco.

Agora meus fins de semana eram ficar na porta daquele restaurante, só para vê-la sair. E por incrível que parecesse, isso me bastava. Não entrei mais no restaurante para não dar bandeira, mas eu estava lá, todos os fins de semana.

Eu estava apaixonado pela primeira vez, por uma mulher que nem sabia da minha existência.

Sempre que encontrava meus amigos, nunca tocava no assunto, pois era insano demais o que eu estava fazendo. Até consultar no DETRAN para checar a placa do seu carro, eu fiz. Como falar sobre isso com alguém?

O carro estava em nome de um homem de cinquenta e oito anos, chamado Odair Kysen, o que não me dizia nada.

Um mês depois deixei de viajar a negócio só para vê-la, e foi a melhor coisa que eu fiz. Estava um pouco a frente do seu carro quando a vi, e cada dia ela me parecia, ainda mais bonita, para o meu desespero.

Ela entrou em seu carro, deu partida, mas o carro não pegou. Ela desceu e abriu o capô, com as mãos na cintura. Aproveitei a deixa, para descer do meu carro, e fui até ela, pois outra chance como esta jamais teria.

— Aconteceu alguma coisa com seu carro? — Falei feito um babaca.

Ela me olhou e sorriu. Nem sei como tive coragem para continuar, mas agora vê-la parada em minha frente, me deixou ainda mais convicto que ela mexia mais do que deveria comigo.

— Não sei. Não está dando partida. Deve ser a bateria. Eu não te conheço? Você não me parece estranho! Estava no restaurante?

— Hoje não, mas já vim algumas vezes. Só vim para pegar um livro para

dar de presente, mas não encontrei nada que me agradasse. — Falei de modo tão natural, que até eu acreditei em minha mentira. — Voltando ao carro... Se for bateria, posso ir até aquele posto da esquina, e pedir que o rapaz venha dar uma recarga em sua bateria, depois você troca.

— Você me faria esta gentileza? Se for incomodar eu posso chamar um dos garçons, para me ajudar.

— O restaurante está cheio, ainda, e os garçons devem estar todos ocupados. Vou e trago um funcionário. Espere no estacionamento do restaurante, ficar no carro é perigoso.

Quase dei uma gargalhada do que acabara de dizer. Justo eu que passava horas dentro do carro, todo fim de semana, dizer aquilo era insano demais.

Ela trancou o carro, e eu fui até o posto. Claro que eu precisei dar dinheiro para que um deles fosse comigo. Ele levou o fio para dar a recarga, e para isso ele iria precisar da minha bateria.

Eu estava tão feliz que nem me importei, eu só queria ficar junto dela. Ouvi-la falando comigo era um prêmio da loteria, e se pudesse beijaria a bateria do seu carro, pelo favor que havia me prestado, não pegando bem naquela hora.

Assim que ela me viu estacionar, atravessou a rua. O sol iluminava seus cabelos, e tive vontade de passar a mão para ter certeza que eram de verdade.

Ela ficou olhando o rapaz abrir o capô do seu carro, e quando notou que era com a minha bateria que ele daria a recarga, ela perguntou com aquela voz melodiosa.

— Não vai estragar a sua bateria, ... ?

— Hugo, é meu nome. Não estraga, é só uma recarga rápida. Fique tranquila, eu mesmo já fiz isso algumas vezes.

— Meu nome é Antonella. Desculpa estar tomando seu tempo em um domingo tão lindo. Você é um cavalheiro, Hugo.

Lindo é o seu nome. — Pensei. — O domingo está lindo mesmo, mas não está atrapalhando. Eu estava indo para casa, já que não encontrei o que procurava.

— Como fará com o presente? Eu te atrapelei, sim!

— Não atrapalhou. Antes do aniversário vou ao *Shopping*, e compro outra coisa.

— Quantos anos fará esta criança? É menina ou menino?

Na hora tive de raciocinar rapidamente ou cairia em minha própria

mentira.

— Uma menina que fará oito anos, e que gosta de livros. Por esta razão vim até aqui, porque sou frequentador deste restaurante. Fique tranquila que ainda tenho tempo para ver alguma coisa, depois.

O rapaz terminou a recarga, e fechou o capô dos dois carros. Ela se aproximou para pagar e ele disse que eu já havia acertado. Ela se virou para mim, e naquele momento tive vontade de beijá-la.

— Foi muita gentileza sua, Hugo. Ainda bem que deu certo. Só fiquei chateada por ter lhe atrapalhado. Se quiser eu posso ir com você ao *Shopping*, e te ajudo, já que perdi meu compromisso. Quando saio daqui aos sábados, dou aula particular de português para duas crianças, mas já desmarquei.

— Você não descansa nunca!

— Quando dá. Aceita a minha ajuda?

— Claro! Dê partida, e vamos ver se deu certo, mas terá que trocar a bateria, ou ficará na rua. Essa recarga não dura muito.

Capítulo 5

Ela deu partida, e pegou. Dei sinal e fui à frente. Ainda bem que havia um *Shopping* não muito distante de onde estávamos. Meu receio era que seu carro não pegasse, depois que ela deligasse, mas eu estava tão feliz que fui egoísta, e não disse nada.

Assim que avistei o *Shopping* dei sinal, e ela entrou comigo. Estacionamos e ela desceu com aquele sorriso que me valeu pela semana toda. Eu estava louco por aquela mulher, mesmo sabendo que ela era muito mais nova que os meus quarenta anos. Ela ajeitou a roupa, e falou sorrindo:

— Este *Shopping* é muito elegante, e nem sei se estou bem vestida para entrar...

— Está linda! Não se preocupe com estes detalhes. O que acha de irmos direto a uma livraria? Depois podemos tomar café.

— Tudo bem. Só não posso demorar.

Só pelo fato de andar ao lado dela, já me deixou feliz. Antonella era linda demais, fora ser prestativa. Agora eu precisava comprar um livro, depois daria para Ana Clara, filha de Daniel. Entramos na livraria e ela foi até gôndola de livros infantis.

Ela olhava a capa, e depois folheava, com atenção. Logo ela sorriu, eu estava em transe, e só querendo olhar para ela.

— Veja Hugo, esse seria o ideal para ela. Tem uma história linda sobre fadas, e muitas figuras para colorir. Meninas nesta idade adoram fadas. O que acha?

— Se você aprovou, quem sou eu para duvidar. Ana Clara gosta de pintar. Ela é filha de um grande amigo.

— Você não tem filhos?

— Não. Sou solteiro. E você é casada?

Ela deu uma gargalhada e naquela hora tive vontade de beijar aqueles lábios carnudos.

— Não sou casada. Desculpa. Eu ri, mas não foi pela pergunta. Não viu aquela mulher de verde? A coitada quase bateu na estante de livros de tanto te olhar. Faz sucesso com as mulheres, Hugo?

— Não vi, e não faço sucesso, tanto é que estou solteiro. Você sim faz sucesso com estes cabelos...

Notei que ela ficou muda de repente, e pensei ter dito alguma bobagem. Para quebrar o clima, falei que levaria aquele livro, e fomos até o caixa. Ela continuava muda, e quando estávamos saindo falei sobre o café.

— Desculpa Hugo. Já é tarde e eu preciso estudar. Amanhã tenho prova.

— Estuda o quê?

— Faço faculdade de Direito, e estou no último semestre. Melhor irmos.

Ela foi calada, e eu sem entender nada. Será que eu havia falado algo de errado? Justo agora que estávamos nos entendendo! Ela estava ausente, e quando fui pagar o estacionamento pedi seu *Ticket*.

— Eu pago. — Disse ela sem sorrir.

— Mas você veio para me ajudar, e não é certo você pagar!

— E você perdeu seu domingo me ajudando. Eu pago, e não se fala mais nisso.

— Falei alguma coisa que você não gostou, Antonella? Você mudou de repente. Se eu falei...

— Você não falou nada, Hugo. Vi uma pessoa que não queria ter visto, mas já passou. Espero que Ana Clara goste do presente.

Ela entrou em seu carro, e rezei para que não pegasse, mas pegou, e eu jamais a veria novamente, porque agora ela já conhecia meu carro, e a mim, portanto não daria mais para ir ao restaurante ou ficar na porta esperando por ela. Quando estava abrindo meu carro, ela gritou...

— Veja se o seu carro pega, porque dividiu sua bateria comigo.

Só sorri, porque não tinha mais o que dizer. Dei partida, e saí na frente, com ela atrás. Ela buzinou, e emparelhou seu carro ao meu.

— Vamos nos separar porque meu carro não pode competir com o seu. *Audi* anda três vezes mais que este. Pegue meu cartão, e ligue para dizer se acertei na escolha do livro de Ana Clara. Obrigada por tudo, Hugo.

Naquela hora agradei a Deus, porque eu não iria conseguir ficar sem vê-la. Antonella Kysen. Então o carro só poderia ser do seu pai. Odair tinha cinquenta e oito anos, e só poderia ser o pai dela.

Cheguei a casa, tomei banho, e fui lanchar, pois, não havia almoçado. Pelo menos agora tinha o celular dela. Mas como eu faria para ligar? Caso ligasse, o que diria?

Deitei com seu lenço, e fiquei pensando. Ela deveria ter vinte e três, ou vinte e quatro anos, e era muita diferença de idade. Será que ela me via como um

velho? Se ela estava no último semestre da faculdade, não poderia ter mais que vinte e três anos.

Dezessete anos de diferença, era muita coisa. Não para mim, mas para ela com certeza seria, e pensar nisso me deu um desânimo.

Capítulo 6

Antonella

Assim que cheguei em casa meu pai veio falar comigo, e me pareceu bravo.

— Por que demorou, filha? Já estava ficando preocupado. Onde esteve até esta hora?

— Vamos entrar que eu vou lhe contar. Hoje estou até com dor de cabeça, e você sabe que eu odeio falar na porta de casa.

Ele me esperou tomar banho, e quando sai ele estava no sofá. Conteí o que havia acontecido com o carro, e falei sobre Hugo. Papai não gostava de me ouvir falar sobre homens, que já achava que eu estava de caso com alguém. E logo ele falou:

— Já falei diversas vezes para você não conversar com estranhos...

— Acha-me alguma idiota! Sei com quem falo! Hugo foi um encanto, e se não fosse por ele, eu ainda estaria lá. Por que tem que desconfiar de todo mundo? Não sou mais criança, e detesto quando fica me interrogando. Dê graças a Deus que eu sou uma moça ajuizada, porque ninguém merece ser controlada 24 horas por dia.

— Desculpe seu pai, minha filha! Só tenho você, e me preocupo. Vamos precisar trocar essa bateria, mas agora não dá. Assim que sobrar dinheiro trocaremos.

— Não posso sair com este carro assim, papai! Deixa que eu resolva isso. Tenho dinheiro para receber do restaurante, e das aulas particulares. Vai dar tudo certo. Papai, eu a vi hoje, e ela estava com um homem. Ela não disse que iria morar no Canadá? Não sabe como eu fiquei nervosa, e só não fui atrás dela, porque estava com o rapaz que me ajudou. Ela ligou, ou tem ligado?

— Aquela diaba que nem tente. Se ela ligar, vai ouvir, e se aparecer a coloco para correr. Ela não deve ter ido a lugar algum. Só falou aquilo para despistar. Fez muito bem em não falar com ela. Ouça bem... Você está proibida de se aproximar daquela maldita. Não precisamos dela para nada! Este semestre você se forma, e arrumará um bom emprego. Não sabe o orgulho que eu tenho de você, filha.

— Ah papai, eu tenho tanta raiva dela. Pode ser pecado, mas não a

considero minha mãe. Por que ela não desaparece outra vez? Ela só nos trouxe problemas. O que viu naquela mulher, papai?

— Desculpe, filha. Eu sei que você sofreu muito, mas veja as coisas pelo lado bom. Nós nos viramos sozinhos, e você já está quase formada. Sei que as coisas não são fáceis para você, mas estamos juntos, e isso é tudo que temos no momento, e tem que lhe bastar.

— Mas não basta! Porque minha mágoa é enorme! Ela não me viu, e se tivesse visto teria fingido que não viu, porque ela não tem coragem de me encarar. Vou estudar um pouco, pois tenho prova a semana toda.

Deixei papai na sala, e fui para meu quarto.

Quem disse que eu consegui estudar? Fiquei pensando nela e no quanto ela foi desleal conosco. Doralice nunca foi mãe.

Quando eu nasci foi minha avó paterna quem cuidou de mim, enquanto ela saía todos os dias para passear. Na verdade, era isso que ela dizia, quando na verdade, saía para se encontrar com seu amante.

Papai era apaixonado, e nunca desconfiou de nada. Vivíamos bem. Papai tinha um ótimo emprego, e morávamos em um belo apartamento. Só que papai comprou em nome dela, porque ela o convenceu, dizendo ser uma prova de amor, já que não eram casados de fato.

Quando completei doze anos, papai recebeu uma intimação para deixar o imóvel em dez dias, pois o novo proprietário queria ocupar o imóvel. Papai ficou sem entender nada, e até comentou que tinham se enganado.

No dia seguinte ele foi logo cedo ao Cartório da cidade, e lá ficou sabendo que realmente nosso apartamento fora vendido por Doralice, dois meses atrás.

Papai ficou louco quando soube que sua mulher havia vendido nosso único bem, e pior que isso foi não ter comentado nada.

Ela estava há dois dias sem aparecer em casa, e isso não era comum. Ela ficava o dia todo fora, mas à noite sempre estava em casa. Assim que papai chegou do Cartório ela ligou contando uma mentira deslavada, dizendo estar na casa da sua tia.

Ela sempre inventava estar na casa de algum parente, quando na verdade estava em algum motel com seu amante.

Papai não comentou nada com ela sobre o assunto da venda, pois queria falar olhando em seus olhos.

Ele esperou que ela chegasse no dia seguinte, para saber o porquê de ter

feito àquela maldade conosco, sabendo que não tínhamos onde morar, mas ela não apareceu, nem naquele dia, naquele mês, e muito menos naquele ano. Ela havia evaporado, para o nosso desespero.

Tivemos que nos mudar às pressas para a casa de vovó. Doralice só apareceu cinco anos depois, quando papai estava juntando dinheiro para ampliar a casa, e fazer um quarto para mim, já que eu dormia com minha avó.

Quando papai a viu ficou louco, porque ela se fez de boba dizendo que fora forçada pelo atual namorado, pois eles queriam viajar, e estavam sem dinheiro. Papai perdeu o controle, e acabou dando uma surra nela. Vovó interferiu, e a colocou para fora. Ainda bem que eu não estava em casa.

Ela saiu dizendo que iria dar parte dele por violência doméstica, e o fez. O coitado ainda foi preso, baseado na Lei Maria da Penha. Lembro que vê-lo preso, me partiu o coração, pois ele era um homem íntegro, e aquilo acabará com sua honra perante os vizinhos.

Com ele preso tivemos que usar uma parte do dinheiro que ele vinha guardando, e quando ele foi solto, a firma que ele trabalhava o mandou embora por justa causa, dizendo que não poderiam ficar com um ex-presidiário e agressor de mulheres.

Isso acabou com a nossa vida, que degingolou de uma maneira, que, às vezes, não tínhamos nem o que comer, e foi por isso que eu fui trabalhar, porque precisava ajudar nas despesas.

Capítulo 7

Ele conseguiu se aposentar dois anos depois, e neste tempo ele fazia bicos para por comida em casa. Vovó usava a sua aposentadoria para nos ajudar. Doralice só deu as caras anos depois, pedindo perdão, e desta vez fui eu quem a colocou para fora. E foi neste dia que ela falou que iria morar no Canadá, com seu atual marido.

Ela havia se casado, e fiquei morrendo de pena do meu pai, e a odiei ainda mais, por isso. Eu já estava trabalhando como monitora em restaurantes de luxo para ajudar nas despesas, e havia conseguido entrar na faculdade.

Como não estava conseguindo pagar as mensalidades, que eram muito caras, comecei a dar aulas particulares.

Às vezes me revoltava, mas quando eu estava com as crianças, tudo passava. Eu amava aquele trabalho, pois fora ele quem nos deu mais qualidade de vida.

Não tínhamos muito, mas tínhamos o necessário, e nunca mais passamos fome. Vovó era o nosso alicerce, mas ela já estava idosa, e esta era outra preocupação para mim.

Não via a hora de poder trabalhar em uma empresa boa, para poder ajudá-los mais, e vovó poder descansar um pouco.

Lembrei-me de Hugo. Ele deveria ter pensado que eu era louca, pois fiquei em estado de choque quando vi Doralice.

Ele era um homem lindo, e tinha um brilho especial no olhar. Agora teria que torcer para que ele me ligasse, porque queria muito revê-lo.



Hugo

Na segunda-feira fiquei olhando para aquele cartão de Antonella, mas achei melhor não ligar, ou daria muito na cara meu interesse, por ela. Mal

trabalhei. À noite fui me encontrar com Marcos, como sempre fazíamos, e ele notou que eu não estava muito bem.

— O que está havendo com você? Faz mais de um mês que anda estranho. Vai aos encontros semanais, mas fica calado, a maior parte do tempo. Aconteceu alguma coisa? Discutiu com algum dos nossos amigos?

— Claro que não! Estou com um problema particular...

— Particular! Desde quando você tem problema particular? Somos amigos, e não saio daqui sem saber o que está acontecendo.

— Está certo. Melhor conversarmos em minha casa. Estou mesmo precisando desabafar.

Marcos estava certo, eu andava no mundo da lua. Ah, Antonella, o que você está fazendo comigo? Se ao menos eu tivesse certeza que ela não tinha ninguém, e que havia se simpatizado comigo, já seria um motivo e tanto para ligar.

Marcos chegou em minha casa, e me olhou daquela forma inquisidora, e tive de falar, mas antes falei sério, porque eu sabia o que ele iria dizer.

— Vou lhe contar, mas não abra esta boca até eu terminar, e se eu notar um sorriso ou alguma piada da sua boca, o coloco para fora.

— Nossa! A coisa é séria, então?

— Para mim é mais que isso. Faz mais de um mês que eu ando no mundo da lua. Vou aos nossos encontros, mas só de corpo presente, porque minha cabeça está em outro lugar. Na verdade, as duas vezes que desmarquei com vocês, foi porque eu precisava deste tempo. Vamos lá...

Contei tudo exatamente como havia acontecido. Até pensei que Marcos fosse tirar sarro, mas ele estava sério, porque eu nunca havia sido tão transparente. Falei sobre Antonella, e era até vergonhoso para mim, que sempre fui contra relacionamento relâmpago.

Só agora que me dei conta que para amar não existia regras, ou previsões. A coisa acontecia quando tinha de acontecer, e eu era a prova viva disso. Saía com as mulheres mais lindas de São Paulo, e meu coração escolheu Antonella.

Marcos bateu em minhas costas, e senti que ele estava sendo sincero, porque Marcos era transparente, e sempre dizia que eu precisava me apaixonar. Ele e Cláudia viviam tentando me apresentar para alguma mulher.

— Por que só está me contando isso só agora, Hugo? Somos amigos, e eu só quero lhe ver feliz! Isso que você está sentindo é amor. Bem-vindo ao time,

meu amigo. Não vai ligar para aquela deusa?

— Não sei se devo, Marcos. São dezessete anos de diferença, e eu nem sei se ela gostou de mim, e se gostou foi de outra forma. Antonella é linda por dentro e por fora. Tenho medo de ligar, esta é a verdade.

— Não tem que ter medo! Tem de dizer o que sente! Como vai saber se não falar? Depois esse negócio de idade não existe mais. Ela deve ter gostado de você, ou não teria ido ao *Shopping*, e muito menos teria lhe dado seu cartão. Veja como são as coisas. Você é cercado pelas mulheres mais bonitas e ricas desta cidade, e agora está com medo de ligar para uma menina?

— Talvez seja exatamente por isso, Marcos. Antonella é uma menina. Vai saber se ela não me acha velho?

— Você é um cara que chama atenção. Não vou dizer que é bonito, porque sou espada, mas noto o quanto é admirado pelas mulheres. A prova disso é que você sempre “pegou” as mais bonitas. Fora que é um grande juiz. Veja o que você já conquistou? Se não teve medo de arriscar sua vida todas as vezes que foi ameaçado com estes casos complicados que julga, vai ter medo de ligar para uma mulher?

— Vou pensar. Por favor, se for para contar a Cláudia, peça que ela não comente com mais ninguém. Primeiro preciso resolver este assunto, e só depois eu mesmo contarei ao restante do pessoal. Combinado!

Foi bom falar com Marcos, porque agora eu me sentia até mais leve. Pensei e achei melhor esperar alguns dias para ligar, pois ela havia dito que teria prova a semana inteira. Só liguei no sábado pela manhã, pois eu queria poder vê-la na saída do restaurante.

Assim que ela atendeu, me identifiquei, e ela falou sorridente:

— Pensei que havia se esquecido de mim, ou que havia perdido o cartão que eu lhe dei. Como foi o aniversário? Ana Clara gostou do livro?

— Foi tudo bem. Sim, ela adorou. Vai trabalhar no restaurante hoje?

— Estou a caminho. Hoje estou indo de ônibus, porque a bateria pifou de vez.

— Até que durou, porque já tem uma semana que recebeu recarga.

— Não demorou Hugo. Estou sem carro desde segunda-feira. Só estou esperando receber, para comprar outra bateria.

Quando ela falou aquilo, tive vontade de abraçá-la. Antonella era sincera, e não tinha receio ou vergonha de dizer a verdade.

— Pensei em passar por lá, quando você sair. Se não se incomodar posso te deixar em casa, depois.

— Não será necessário. Basta tomarmos um café. Até mais tarde.

Ela era orgulhosa, ou estava com vergonha. Não discuti porque só o fato de vê-la, já me bastava.

Capítulo 8

Antonella trabalhava para sobreviver, e comprar a bateria para seu carro, era um gasto inesperado. Queria poder ajudá-la, só não sabia como.

Antes das 16 horas estacionei no lugar de sempre, e fiquei esperando por ela. Passava das 16h30 quando ela saiu, e estava ainda mais bonita. Desci para cumprimentá-la, e ela me deu um beijo no rosto. Um gesto simples, mas que na hora me senti ruborizar.

Como poderia? Justo eu que tive as mulheres mais lindas da cidade, agora estava envergonhado por receber um beijo no rosto, de uma menina.

— Como vai, Hugo? Desculpa, mas hoje o restaurante estava lotado, e ainda tive de esperar para receber. Agora já posso comprar a bateria. Viu como tudo dá certo quando se tem fé?

Ouvi-la falar aquilo me encheu de orgulho. Ela era uma grande mulher, e mesmo sendo nova, parecia ser mais velha do que realmente era.

— Tem toda razão. Pelo menos não virá mais de ônibus. Quer tomar café, aonde?

— Onde quiser. Já terminei as provas, agora é só esperar o resultado. Se eu passar, como estou prevendo, já estarei livre da faculdade.

— Você vai passar, com certeza. Você almoçou?

— Dificilmente almoço, porque não dá tempo, mas já me acostumei. E você, almoçou?

— Não. O que acha de comermos alguma coisa, já que não almoçamos?

— Pode ser, mas não posso demorar, porque tenho receio de pegar ônibus muito tarde.

— Eu a deixo em casa, e não aceito recusa.

Ela não disse nada. Pensei rapidamente e resolvi ir a um lugar simples para deixá-la mais à vontade, pois me lembrei do seu comentário no *Shopping*.

Fomos a um restaurante que tinha as mesas para fora, e ela gostou do lugar. Estar com ela, era como estar com a Rainha da Inglaterra, porque tudo nela era majestoso.

Pedimos salada com grelhado. Enquanto ela comia, fiquei observando. Ela parecia uma lady, no entanto era de uma simplicidade a toda prova, e isso me encantava ainda mais.

Conversamos banalidades, e notei o quanto ela era inteligente. Enquanto ela falava mostrava as covinhas em suas bochechas. Sim eu a amava, e não era pouca coisa, só não sabia como dizer isso a ela. Pedimos o café, e ela pegou em minha mão.

— Você é um homem muito especial, Hugo. Ajudou-me sem me conhecer, e isso jamais esquecerei. Sabia que eu me lembrei de onde o conheci? Você esteve no restaurante algumas vezes, e ficou me olhando, enquanto eu brincava com as crianças. O que fazia lá se não tem filhos?

Naquela hora eu achei que deveria falar a verdade, porque ela merecia. Não poderia continuar com aquela encenação, quando o que eu mais queria era abraçá-la, e dizer que a amava. Mas tinha que ser cauteloso, porque ela era diferente das outras mulheres que eu tive.

— A primeira vez eu estava no aniversário do filho de um amigo, as outras vezes fui para lhe ver.

— Por que queria me ver?

— Porque você é a mulher mais linda que eu já conheci. Também porque você tem jeito com as crianças. Usa magia, ou hipnotiza os diabinhos?

Ela deu uma gargalhada, e a achei mais linda sorrindo.

— Nem uma coisa e nem outra. Gosto de crianças, e dou a elas o que elas querem. Os pais geralmente não têm paciência com seus filhos, e eu já tenho o suficiente. Gostou tanto assim do meu desempenho?

— Gostei de você por inteira. Não é fácil dizer estas coisas, porque sei que você me vê apenas como um amigo, mas gosto de falar a verdade, mesmo sabendo que poderá me achar ridículo.

— Jamais o acharia ridículo! Você é um belo homem, e só não entendo o que viu em mim. Sou uma moça simples, Hugo, e luto para sobreviver.

— Isso é o que mais me encanta em você. Acha-me velho para você?

— Não costumo julgar a pessoa pela idade, depois você não é velho, eu que sou muito jovem.

Dei uma gargalhada, porque ela falou aquilo de modo tão espontâneo, que me deixou ainda mais à vontade.

Capítulo 9

Essa era Antonella, que sempre dizia o que pensava, e de forma branda.

— Gosto de você Antonella. Tenho quarenta anos e nem sei se vai rir de mim, mas gostei de você desde que lhe vi pela primeira vez. Você é cativante, e adoro sua voz melodiosa. Aliás, gosto de tudo em você. Acredita que tenho um lenço seu? Você o deixou cair uma tarde que eu estava *te* admirando.

— Jura! Que bom que está com você. Pensei que houvesse perdido. Você é jovem, Hugo. Quarenta anos é uma boa idade. Você já sabe o que quer, e já está estabilizado na vida. Gosto de homens experientes. Nunca namorei um homem mais velho, mas não porque acho errado, é que nunca ninguém mais velho me chamou a atenção. Tive poucos namorados, porque minha vida é corrida, e não tenho tempo para flertes.

— Eu te toco?

— O tempo todo.

Ouvir aquilo me deixou aliviado, pois tirou aquela angústia do meu coração, de ser rejeitado. Ela era especial até no modo de falar comigo.

— Obrigado por ser sincera. O que achou daqui?

— Muito bom. Você tem bom gosto. Melhor irmos, porque não posso chegar muito tarde em casa.

— Eu vou te levar, assim não perde tempo pegando ônibus.

— Melhor não, Hugo. Moro longe, e não quero que perca seu sábado comigo. Basta me deixar no ponto do ônibus.

— Não vou perder o sábado, porque estar com você me faz bem. A menos que tenha alguém lhe esperando.

— Meu pai e minha avó, me esperam. Na verdade, acho que você não irá gostar do lugar. Somos pessoas simples, e você me parece um Lorde Inglês. Só quero lhe poupar.

— Não sou um Lorde, Antonella, sou um homem comum. Não me choco com nada, porque não dou valor a estas coisas. Agora pare de reclamar e entre no carro. Não sinta vergonha de mim, isso não combina com você.

— Ok. Depois não diga que eu não avisei. O que você faz Hugo? Trabalha em que ramo?

— Sou Juiz da Vara de Família. Não é um trabalho fácil, porque nem sempre consigo resolver situações que acho certas, mas me esforço para dar um

final feliz a todos os casos que pego. Sem esforços não há vitória. Você também é uma mulher esforçada, e isso é mais um motivo para lhe admirar.

— A vida me fez ser assim, Hugo. Não foi uma opção, foi por necessidade. As coisas não foram fáceis para mim, e por esta razão tive de começar muito cedo a correr atrás dos meus sonhos. Acho muito linda e muito importante a sua profissão, Hugo. Você tem mesmo cara de Juiz.

Ouvi-la me elogiar, e elogiar meu trabalho, foi melhor do que eu esperava. Sinal que ela sentia orgulho de estar comigo, assim como eu sentia, por estar com ela.

Realmente sua casa era longe, e nem sabia com ela conseguia ir até o Itaim-Bibi, bairro de São Paulo, de ônibus, para trabalhar. Ela mostrou a rua que morava, e apontou a casa. Era uma casa bem modesta, e me pareceu ser bem pequena. Ela não disse nada, só me deu um beijo no rosto. E quando a vi descendo, falei inclinando no banco do passageiro.

— Quando eu posso lhe ver, Antonella?

— Amanhã estarei no mesmo lugar.

Sim aquilo era um convite, e por certo ela havia gostado da minha companhia. Senti vontade de pular de alegria. Quem não amaria uma mulher tão desprovida de interesse material.

Fiquei perdido na volta, mas estava tão feliz, que nem me importei. Hoje havíamos conversado bastante, e pelo que notei, ela vivia só com o pai e a avó. Por que será que ela não falou sobre a mãe? Será que havia morrido?

Cheguei em casa, e fui tomar banho. Marcos ligou para tomarmos cerveja em sua casa, e aceitei porque fazia tempo que não via Cláudia, e os meninos.

Enquanto me arrumava, fiquei observando meu apartamento que era luxuoso, ao extremo. O que diria Antonella quando ela visse onde eu morava? Com certeza se sentiria envergonhada, pois sua casa era tão simples quanto ela.

Assim que Marcos me viu, me abraçou e falou em meu ouvido que Cláudia não sabia sobre Antonella. Achei estranho, pois, dificilmente ele deixava de contar alguma coisa a ela.

A mesa estava farta, como sempre. Getúlio e Sandra já estavam lá, e Ari e Ivone chegaram minutos depois. O assunto foi sobre futebol e política, mas isso nunca nos incomodava, mesmo cada um pensando de uma forma diferente, e torcendo por times rivais.

Cláudia me abraçou.

— Senti sua falta, Hugo. Marcos contou que estava atolado de trabalho. Quero te apresentar a uma amiga do trabalho, quem sabe não dá certo? Não gosto de vê-lo sempre sozinho.

Marcos olhou para mim e tive vontade de rir.

Capítulo 10

Cláudia estava querendo me arrumar uma namorada, e pensar nisso era *deveras* engraçado.

— Cláudia nem perca seu tempo, porque já arrumei uma namorada, quer dizer, não estamos ainda namorando, mas bem perto disso.

— Jura! Por que não disse? Por isso anda sumido?

— Não estou sumido, só estou adiantando algumas pendências, e Antonella não tem nada a ver com isso.

— Antonella! Caramba que nome lindo! Quando irá nos apresentar?

— Qualquer dia marcamos alguma coisa. Como acabei de dizer, só estamos nos conhecendo. Agora me sirva desta berinjela, que está com uma cara muito boa.

Marcos veio falar comigo.

— Não falei nada para Cláudia, porque nem sabia se você iria para frente com isso. Pelo visto me enganei.

— Se enganou mesmo. Ontem a levei para almoçar, e depois a deixei em casa. Passamos algumas horas juntos. Eu estou apaixonado, e isto é um fato! Depois conte a Cláudia, quanto aos demais, falo depois. Ainda não sei se ela vai querer algo comigo, mas estou fazendo o possível para que ela aceite.

Passamos uma noite maravilhosa, pois éramos amigos há vários anos, e quando nos juntávamos era só risadas. Foi bom para eu poder relaxar. Cheguei em casa às 3 horas da madrugada, e fui direto dormir. Não via a hora de chegar ao restaurante. Aproveitei a manhã para dar um jeito nos documentos para as próximas audiências. Comi uma fruta, e fui me arrumar.

Queria chegar um pouco antes para estacionar bem na frente do restaurante. Coloquei uma música, e fui ver a minha menina. Hoje eu a levaria para almoçar no *Shopping*, mas nada de ostentação, para não deixá-la sem graça.

Seu carro não estava então deduzi que ela não teve tempo de comprar a bateria. Isso era bom, assim eu poderia levá-la para casa, novamente. Passava das 16 horas quando a vi saindo. Ela abanou a mão quando me viu. Hoje ela estava ainda mais bonita. Usava saia estampada, e top. Eu gostava da forma que ela se vestia, mesmo quando estava de shorts, mostrando aquelas pernas torneadas.

— Oi Hugo! Esperou muito?

— Acabei de chegar. Veio de ônibus?

— Pois, é! Não deu tempo para ver a bateria, mas meu pai irá resolver isso, logo pela manhã. Perco muito tempo vindo de ônibus.

— Vamos almoçar, ou já almoçou?

— Não almocei. Só tomei um lanche quando cheguei. Quer almoçar?

— Podemos ir ao *Shopping*. O que acha?

Eu a levei ao *Shopping* que era bem popular, fomos almoçar na parte da praça de alimentação. Ela me olhou como quem queria falar alguma coisa, e o fez.

— Hugo, eu sei que você só veio até aqui por mim. Você não tem cara e muito menos porte para frequentar praça de alimentação. Não gostaria que mudasse seus hábitos por mim, ou vou achar que sente vergonha da minha companhia.

— Não sinto vergonha de nada. Só pensei que você não gostasse de lugares mais chiques, pois naquele dia que fomos comprar o livro, você comentou que estava envergonhada.

— Mesmo que eu me sinta envergonhada, não quero mudar seus hábitos. Ou me encaixo neles, ou pulo fora. Onde costuma almoçar quando está sozinho, ou com outras acompanhantes?

— Qualquer lugar perto de casa, ou na casa de amigos. E não saio com acompanhantes, mocinha.

— Então iremos perto da sua casa. Sou simples, mas você não, portanto eu quero ir onde você se sinta bem.

Sáimos e fomos a um restaurante de que eu gostava. Ela estava linda, e parecia uma lady. Ela achou o restaurante bonito, e pegou em minha mão.

— Este é o seu mundo, e eu não quero que mude nada para me agradar. O que acha de pedirmos esta salada?

Realmente ela era diferente de todas as mulheres que eu já havia conhecido. Seus cabelos hoje estavam ainda mais lindos. Ela deu um gole no suco, e ajeitou os cabelos para trás.

— Ontem meu pai viu você me deixando em casa, e não gostou. Ele tem muito cuidado comigo, e às vezes extrapola. Eu entendo, mas não concordo. Não sou uma adolescente, e sei discernir o certo do errado. Papai se preocupa em demasia. Fez-me um interrogatório, e quando falei que era mais velho e Juiz, ele já achou que você só está se divertindo comigo. Acabamos discutindo, porque

não o vejo desta forma.

— E não sou, mas seu pai está coberto de razão. Ele só está querendo protegê-la. Quer que eu fale com ele quando for lhe deixar em casa?

— Não sei se seria adequado. Na verdade, somos só amigos.

Quando ela falou isso, senti o chão se abrir. Ela não me amava, e só me via como um amigo. Ouvir aquilo me deixou desanimado, mas mesmo assim eu preferia ser considerado amigo, a não vê-la mais.

— Você está certa. O que está achando da comida?

— Deliciosa. Você acertou na escolha.

Ela deve ter notado que eu estava pensativo, e perguntou se eu estava com algum problema. Pergunta típica de uma amiga preocupada. Precisava mudar de tática com Antonella.

— Estou bem, não se preocupe. Deduzo que hoje eu não deva lhe deixar em casa, pois tudo que eu não desejo, é lhe causar problemas. Vou pagar a conta, e lhe deixo no metrô.

Ela assentiu com a cabeça, mas notei que ficou decepcionada com a minha atitude.

No carro ela falou sobre as notas que sairiam naquela semana, e o quanto estava preocupada.

— Vai acabar tudo bem. Você é uma mulher inteligente, e com certeza passou em todas as matérias.

Estacionei, e antes de descer ela falou:

— Obrigada por tudo, Hugo. Você é um grande amigo...

— Você já disse isso, Antonella. Tenha uma boa semana.

— Sábado vai estar no restaurante?

— Não. Vou sair com alguns amigos. Boa noite.

Aquilo saiu de forma espontânea, e foi muito bom porque precisava testar os sentimentos de Antonella para comigo. Eu estava agindo errado, precisava deixar que ela me esperasse um pouco, que sentisse a minha falta, que desejasse me ver.

Capítulo 11

Ela ficou me olhando. Entrei no carro e saí. Eu estava chocado de ouvi-la dizer que éramos só amigos. Antonella me via só como um amigo, já eu, estava loucamente apaixonado por ela. Agora eu havia perdido todas as esperanças de conquistá-la.

Fui para um bar, e liguei para Marcos. Eu precisava aliviar o meu coração, e ele era meu melhor amigo. Ele chegou meia hora depois.

— O que aconteceu Hugo? Deixei Cláudia no aniversário de um amigo dos meninos, porque fiquei preocupado.

Contei a ele tudo que havia acontecido. Marcos deu uma gargalhada, e naquela hora tive vontade de socá-lo.

— Posso saber por que está rindo? Eu aqui me abrindo, e você rindo?

— Estou rindo, mas não é de você. Estou rindo de ver sua cara. O maior Juiz desta cidade, que toma decisões complicadíssimas, não sabe como lidar com uma mocinha de vinte e poucos anos. Quer um conselho? Pare de rastejar, porque se ela vê tudo isso como amizade, é porque é imatura. Que amigo ficaria todo fim de semana esperando por ela na saída do restaurante? Ou ela se faz de boba, ou é! Não ligue mais, e não vá mais buscá-la. Ela tem o seu número agora, e se quiser ela mesma ligará. O que deu em você? Tem aos seus pés as mulheres mais lindas da sociedade, e agora não sabe como lidar com uma garotinha?

— Marcos, eu sei de tudo isso, mas quem manda no coração? Vou dar um tempo, porque eu também estou cansado, mas ela será minha, e pode escrever isso.

Marcos teve de ir buscar sua família, e eu fui para casa. Marcos estava certo, eu que não estava sabendo lidar com aquele sentimento. Antonella precisava de um tempo para sentir a minha falta, mesmo que eu sofresse sem vê-la.

Aquela semana custou a passar, mas eu estava com tanto trabalho que mal tive tempo de pensar. No sábado fui a um churrasco na casa do Ari, e lá encontrei todos os amigos. A conversa estava excelente, mas eu não parava de olhar o relógio. Passava das 16 horas, e por certo ela estava saindo do restaurante. Será que ela iria procurar pelo meu carro? Claro que não! Deixei claro que não iria.

Cláudia veio conversar comigo, pois Marcos já havia falado com ela. E esta era outra grande amiga que se preocupava em demasia comigo.

— Quer dizer que o Juiz mais cobiçado de São Paulo, se apaixonou pela monitora daquele restaurante? Ela é bonita, mas não é mulher para o grande Juiz.

— Ah, minha amiga! Como se fosse fácil mandar no coração. Sei de todas as nossas diferenças, e mesmo assim não consigo tirá-la da cabeça. Ela é nova, mas muito madura. Antonella é decidida, lutadora, determinada, e sabe o que quer da vida. Você a viu como uma mocinha indefesa, mas ela é uma leoa. Vou dar um tempo, mas não por mim, vou dar um tempo para que ela sinta a minha falta.

— Se ela é tudo isso, não está mais aqui quem falou. Realmente eu conheço só a monitora, não a mulher.

Sai do churrasco quase 20 horas, mas colocamos a conversa em dia. No domingo trabalhei em casa, pois na segunda-feira iria presidir duas audiências, e precisava chegar a um consenso com as partes envolvidas.

Eu sempre trazia os casos para estudar em casa, pois era o melhor lugar para tomar decisões, sem perder o foco.

A semana foi pauleira, e nem senti o tempo passar. Tive mais duas audiências complicadas, o que me levou a ficar estudando os casos à noite, em casa.

Na sexta-feira fui convidado para um evento e Marcos foi comigo. Conheci diversas mulheres, mas nenhuma chamou minha atenção, ou fez meu coração bater mais forte.

No sábado tive de me controlar para não ligar para Antonella, pois minha vontade era de ir à porta daquele restaurante, nem que fosse só para vê-la sair. Quinze dias sem olhar para aqueles olhos âmbar, aquelas covinhas, e aqueles cabelos, eram demais para mim.



Antonella

Quinze dias, e ele não ligou, ou veio me ver. Com certeza hoje ele viria no fim do turno. Não via a hora de ir embora, para vê-lo. Quinze dias sem

notícias, e aquele silêncio estavam me deixando louca. Sai um pouco antes, e fiquei esperando por ele. Hoje com certeza eu diria que senti a sua falta, e que estava com saudades.

Ele não veio, e não ligou. Sai de lá passava das 17 horas, e desanimada. Por que será que ele não ligou? Pensei muito e resolvi ligar, pois até o imaginei doente.

Capítulo 12

Assim que cheguei a casa, a primeira coisa que fiz foi falar com vovó, ela saberia que conselho me dar. Ela tinha a cabeça muito boa para seus setenta e dois anos, e era mais sabia que o meu pai.

— Vovó se lembra daquele rapaz que eu lhe falei?

— O bonitão que é Juiz?

— Esse mesmo. Acho que fiz algo que ele não gostou, pois ele não apareceu nem semana passada, e nem hoje. Ah, vovó, ele é o primeiro homem por quem me encantei, e agora estou em dúvida se devo ou não ligar. Creio que eu o perdi por burrice. O que acha que devo fazer?

— Filha, você é uma pérola de moça, e com certeza ele deve ter tido algum contratempo. Acho sim que deve ligar. Se ele é tão especial como disse, ligar será a coisa certa a se fazer. Porque não o convida para vir até aqui...

— Ficou louca, vovó! Ele é um homem rico, e acho que ele não se sentiria bem aqui em nossa casa. Depois tem papai, ele jamais aceitaria por ele ser mais velho, e rico. Você conhece a cabeça de papai.

— Esta casa é a sua realidade Antonella, e se ele gostar de você nem irá reparar na casa. Seu pai não pode lhe trancar em uma redoma, só porque ele não foi feliz. Deixe que do seu pai cuide eu. Se este rapaz vier será tratado como se deve. Você é uma filha de ouro, e meu filho tem de entender que você precisa namorar. Seu pai precisa ouvir umas boas, onde já se viu julgar uma pessoa pela idade? Confie em mim, e faça o convite, o resto é por minha conta.

— O que seria da minha vida sem você, vovó? Vou ligar do meu quarto, e rezar para que ele atenda.

Fui para meu quarto, e liguei. Quando ouvi sua voz até me arrepiei, e por alguns segundos não sabia o que falar, e desta forma falei a primeira coisa que me ocorreu.

— Hugo, você está bem?

— Como vai Antonella? Estou bem e você?

— Preocupada com você. Pensei que hoje você iria até o restaurante. Aconteceu alguma coisa?

— Não aconteceu nada. Semana passada estava trabalhando em casa, e hoje tirei o dia para descansar. Tenho trabalhado em demasia. Como foi hoje com as crianças?

— Entendo. Foi normal como sempre. Amanhã irá? Senti saudades.

— Creio que não. Amanhã tenho um aniversário na hora do almoço.

— Tudo bem. Se sair cedo, dê uma passadinha por lá. Você faz falta. Passei nas provas, e queria dividir isso com você. Agora é só procurar uma colocação.

— Parabéns! Eu disse que você passaria. Quanto a passar no restaurante não acho que dará tempo, pois não devo sair antes das 18 horas...

— Eu te espero.

— Se der eu apareço. Boa noite.

Ele estava diferente comigo, e isso não era nada bom. O que será que havia acontecido para ele me tratar daquela forma, tão fria? Será que foi porque não deixei que ele falasse com meu pai? Se ele não fosse amanhã eu iria ligar novamente, porque agora eu não parava de pensar nele. Ligaria quantas vezes fossem necessárias, e vovó me ajudaria.



Hugo

Só eu sabia o sacrifício que eu fiz para não ir ao encontro dela. Ela disse que estava com saudades, mal ela sabia o quanto eu havia pensado nela nestas duas semanas.

Menti dizendo que tinha um aniversário só para testá-la, e notei o quanto ela ficou decepcionada. Falou até que me esperaria. Será que ela estava sentindo a mesma coisa que eu?

No domingo enrolei ao máximo para não cair em tentação. Analisei alguns casos para adiantar, e fui almoçar no restaurante ao lado do meu prédio. Passava das 16 horas, e eu estava em dúvida se iria, mas a vontade de vê-la foi mais forte do que eu, desta forma resolvi passar no restaurante, e ficar observando se ela realmente estaria me esperando.

Estacionei um quarteirão antes, e fiquei procurando seu carro. Antonella não estava, e aquilo me deixou acabado. Ela disse que me esperaria, no entanto

não estava lá. Eu precisava esquecer Antonella, porque ela só me via como um amigo, quando eu queria muito mais que isso.

Liguei o carro, e sai tranquilamente olhando cada carro estacionado. O restaurante já estava fechado, pois só serviam almoço aos domingos. Quando olhei, ela estava sentada no estacionamento, com as mãos apoiadas na cabeça, como se estivesse desanimada de esperar.

Capítulo 13

Ela continuava sem carro, e naquela hora não resisti e buzinei. Ela levantou rapidamente, e acenou com mãos. Segundos depois estava na porta do passageiro. Hoje ela estava ainda mais bonita.

Usava calça larga e camiseta. Ela entrou, e notei que estava sem graça, pois desta vez não me beijou no rosto. Como ela era linda! Ficamos alguns segundos em silêncio, e ela me olhou de forma carinhosa.

— Que bom que deu para você vir. Achei que não viria mais.

— Estou aqui, e eu lhe disse que se viesse chegaria tarde. Onde estacionou?

— Ainda estou sem carro, Hugo. Precisei usar o dinheiro para coisas mais urgentes. Senti sua falta. Você tem bom astral, e alegre o meu dia.

— Alegro!

— O tempo todo.

— Isso é um bom sinal. Você almoçou?

— Hoje almocei enquanto te esperava.

— Fez muito bem. Quer que eu lhe deixe em casa?

— Se não for atrapalhar, eu queria tomar café, e assim colocamos a conversa em dia, mas se não puder eu entenderei...

Olhei para aquele rosto meigo, e senti uma vontade irresistível de beijá-la, mas me contive porque Antonella era uma mulher diferente.

— Claro! Um café sempre cai bem. Tem alguma preferência de lugar?

— Você escolhe. Avisei em casa que hoje iria demorar, portanto temos bastante tempo.

Dei partida com ela me olhando, e notei que ela queria puxar assunto. Hoje ela estava com ruguinhas de preocupação, o que me deixou cismado. Ela estava sem carro, e isso só confirmava que ela estava com problemas financeiros, mas ela era tão reservada que jamais me diria.

— O que acha deste café? Aqui tem doces maravilhosos. — Falei tentando parecer natural.

— Está ótimo. Estou mesmo precisando de um doce, hoje.

— Por quê? — Falei com ares de curiosidade. — Você faz regime?

— Claro que não! Doce me relaxa, e o açúcar renova minhas baterias.

— Está precisando relaxar? — Falei puxando a cadeira para ela sentar.

— Você me relaxa mais do que o açúcar. — Disse ela com aquele sorriso lindo.

— Eu te relaxo?

— O tempo todo. Desculpe se não deixei que entrasse em minha casa naquele dia. Na verdade, eu fiquei sem graça, porque é tudo muito simples. Nunca levei ninguém a minha casa. Não foi por vergonha porque esta é a minha realidade, mas você me causa esta sensação.

— Não queria que me visse desta forma, Antonella. Porque eu também gosto do lado simples...

— Você! Simplicidade não tem nada a ver com você, Hugo! Basta olhar para o seu carro, e as roupas que veste. Você é um Juiz! Um homem respeitado e de posses, e nunca deve ter visto ou vivido do outro lado... O meu lado. Garanto que você não se sentiria bem deste lado. A vida não foi fácil, e eu não posso mudar o que está feito. Mesmo que eu arrumasse uma boa colocação, mesmo assim, eu levaria anos para poder deixar as coisas do meu jeito.

— Antonella, você acha que eu gostaria menos de você por que vive na simplicidade? Não olho estas coisas, para mim as pessoas são mais importantes que o *status* que carregam. Vivo bem, mas isso não me qualifica em ser melhor que você. Acho que está se preocupando à toa. Valores morais são mais importantes que o dinheiro.

Ela estava com lágrimas nos olhos, e aquilo me deixou acabado, pois tudo que eu não queria era vê-la tão fragilizada.

Ela passou os dedos para secar uma lágrima, e sorriu. Peguei em sua mão e a beijei.

— Quer conversar sobre esta lágrima?

— Acho que eu estou precisando, Hugo. Não tenho amigos como você. Só tenho conhecidos. Só não quero lhe aborrecer com os meus problemas.

— Jamais me aborreceria. Quer conversar aqui, ou prefere outro lugar?

— Aqui está perfeito. Só peço que ouça porque assim poderá entender melhor.

Pedi outro café, e alguns folheados. Ela estava nervosa, pois amassou o guardanapo. Antonella começou a contar sobre a sua infância, e a cada lembrança uma lágrima descia daqueles olhos lindos. Sua vida não havia sido fácil, e mesmo assim ela conseguia ser aquela mulher forte, e determinada.

Capítulo 14

Falar sobre a sua mãe foi o que mais me comoveu. Apertei sua mão, e a beijei, em um gesto de carinho. Ela deu um suspiro, como se estivesse aliviada por me contar a parte triste da sua vida, e naquela hora eu a admirei ainda mais. Eu não havia errado quando me apaixonei por ela. Antonella era batalhadora, e isso me encantava.

Passei a mão em seu rosto tentando levar um pouco de conforto para aquele rostinho tão sofrido.

— Lamento sobre a sua mãe, e lamento mais ainda lhe ver tão triste. Agradeço por confiar em mim, falando sobre o seu passado. A vida não foi generosa com você, mas lhe deu forças para lutar, e isso não é para qualquer um. Eu lhe admiro muito mais depois de ouvir a sua história.

Ela deitou o rosto em minha mão, como se fosse um acalanto, e eu não resisti e a beijei. Foi somente um toque, mas que causou um efeito avassalador em ambos. Ela deitou a cabeça em meu peito, e ficamos abraçados por alguns segundos. Sim ela gostava de mim. Talvez não tanto quanto eu gostasse dela, mas já era um bom começo.

Beijei seu rosto, e ergui seu queixo.

— Está se sentindo melhor por ter desabafado?

— Melhor não, mas aliviada sim. Eu precisava lhe contar porque não queria que pensasse que papai é uma pessoa ruim, ele só é sofrido.

— Não pense mais nisso. Você puxou ao seu pai, pois ele é tão batalhador quanto você. Melhor eu te levar para casa. Passa das 21 horas, e está tarde para você voltar de ônibus.

Ela não disse nada. Paguei a conta e saímos. No carro ela pegou em minha mão, e beijou. Um gesto simples, mas que causou um efeito enorme em meu corpo. Eu a beijei, e desta vez foi um beijo de verdade, e ela correspondeu com a mesma intensidade. Depois falou toda tímida:

— Gosto muito de você, Hugo. Na verdade, essa é a primeira vez que eu me sinto atraída por um homem. Tive alguns namorados, e até pensei que gostasse de um deles, mas hoje vejo que não era amor. Amor é o que eu sinto quando estou ao seu lado.

— Sinto o mesmo. Comigo aconteceu a mesma coisa. Tive várias mulheres, mas você é diferente. Creio que já notou meu interesse por você. Acha que daria certo ser a minha namorada?

— Daria porque você é o par perfeito para mim. Na verdade, você é a minha medida certa. Com você eu me sinto a vontade para falar sobre a minha vida. Acredita que eu nunca falei sobre isso com ninguém?

— Sou um par perfeito!

— O tempo todo. Você é mais que perfeito, e eu adoraria ser a sua namorada.

Nós nos beijamos, e fomos conversando sobre outras coisas. Eu estava nas nuvens, e sentia que ela também estava feliz.

Um quarteirão antes da sua casa a beijei novamente. Ela acariciou meu rosto, e senti o quanto eu a amava, porque aquele simples gesto me deixou relaxado. Na porta da sua casa ela desceu, e falou colocando a cabeça para dentro do carro.

— Quer vir em minha casa no sábado?

— Combinamos esta semana. Durma bem, e amanhã nos falamos.

Ela mandou um beijo com a mão, e sorriu. No caminho de volta fui pensando no quanto ela havia sofrido. Agora eu iria ajudá-la, e esse era o meu maior desejo.

Dormi até melhor, apesar de a sua história não me sair da cabeça. Pela manhã mandei mensagem de bom dia com um coração, e ela respondeu com diversos *emojis* de beijos.

Trabalhei normalmente, mas hoje tudo estava mais colorido. Fui almoçar com Marcos, e ele notou minha felicidade, desta forma tive de contar. Ele me abraçou, porque sabia que eu estava sendo sincero.

Em casa mandei mensagem de boa noite, e ela retribuiu, então resolvi ligar, porque ouvir sua voz era tudo que eu precisava.

— Como vai a minha namorada?

— Cansada mais feliz. Hoje mandei diversos currículos, e creio que logo eu estarei empregada. Já pode confirmar se virá no sábado? Já falei com papai, e ele acha que está na hora de conhecê-lo.

— Ele está certo. Sábado estarei aí, mas depois combinamos o horário.

— Pensei se meu namorado não me pegaria no restaurante, e depois veríamos para minha casa. Vovó é uma ótima cozinheira, e você irá comer a melhor pizza da sua vida.

— Ok. Minha namorada dá as ordens, e eu obedeço. Levo as bebidas. O que acha de vinho?

— Boa pedida. Aqui todos nós gostamos de vinho. Estou com saudades, e vai demorar a nos vermos.

— Sim vai demorar, mas podemos conversar todas as noites, e assim o tempo passará mais rápido.

Agora toda noite eu ligava, porque eu sabia que ela não poderia gastar com ligações, principalmente quando ficávamos uma hora conversando. Na sexta-feira comprei os vinhos e caprichei, já que todos gostavam.

Capítulo 15

Falamos à noite, e ela estava feliz por eu conhecer sua família.

Sábado fui correr no parque, depois tomei um lanche em casa. Eu estava parecendo um colegial de tão feliz. Só esperava que seu pai não dissesse nada sobre a nossa diferença de idade.

Antonella ligou, e marcamos para às 16 horas na porta do restaurante. Procurei parecer natural quando ela entrou no carro, porque na verdade eu estava me sentindo ansioso. Ela me beijou, e na hora me esqueci de tudo.

— A casa é simples, mas é como coração de mãe, e sempre aconchega mais um. Papai é da paz, e jamais o trataria mal. Vovó é um doce, e com certeza irá te achar bonito. Relaxa e tudo acabará bem.

Essa era Antonella que apesar da pouca idade era de uma postura invejável. Por certo seu pai deveria ser igual.

Estacionei atrás do carro dela sem bateria, e ela pegou em minha mão. Entramos, e a casa apesar de modesta era arrumadinha e muito limpa. Ela apertou a minha mão, e logo vi seu pai entrando com uma cesta de verduras. Ele sorriu, lavou as mãos, e veio me cumprimentar.

— Fique à vontade e não repare em meus trajes. Eu e mamãe estávamos mexendo na horta. Vou tomar um banho, e logo me juntarei a vocês.

— Filha sirva algo para ele beber, que eu não demoro.

Senhor Odair era simpático, e apesar de ter quase sessenta anos, era bem conservado. A primeira vista o achei bem parecido com Antonella. Os cabelos ruivos deveriam ser da mãe, pois ele era moreno.

Sentei-me no sofá, e logo sua avó entrou com outra cesta de verduras e tomates. Ela era a simpatia em pessoa, e deu aquele sorriso quando me viu.

— Então você é o Hugo? Minha neta não exagerou em nada. Você é um belo homem.

— Veja o que colhemos, Antonella?

— Vocês plantão tudo isso, aqui? — Falei surpreso, porque era muita coisa.

— Temos um bom terreno nos fundos, e gostamos de mexer com a terra. Hoje irá comer verduras, legumes e frutas, sem um grama de agrotóxico.

— Parabéns dona Elvira. Não sou um conhecedor, mas adoro coisas naturais.

Logo senhor Odair chegou esfregando as mãos. Ele sentou a minha frente, e sua mãe foi tomar banho. Antonella estava à vontade, o que me deixou mais relaxado. Ela perguntou o que eu gostaria de tomar, e antes que eu respondesse ela falou sorrindo.

— Papai, vai uma cervejinha? Hugo também gosta!

Ele sorriu, e ela foi buscar as cervejas. Seu pai falou de modo natural.

— Quer dizer que é você quem dá carona a minha filha? Obrigado por ajudá-la naquela tarde que o carro dela não pegou.

— Não precisa agradecer senhor Odair. Eu lhe dei carona porque acho muito distante para ela vir de ônibus.

— Eu sei meu filho, mas nem tudo é como desejamos, e infelizmente ainda não deu para trocar a bateria. Hoje as coisas estão mais difíceis. Juro que quase cai de costas quando soube o preço de uma bateria, e para pegar uma recauchutada, prefiro deixar parado. As pessoas perderam a noção do valor do dinheiro, ou ganhamos pouco.

— Papai, agora não é o momento, e Hugo não veio até aqui para ouvi-lo falar mal dos políticos. — Disse ela sorrindo, e ele lhe devolveu o sorriso.

— Se o seu pai não pode falar mal dos políticos, vou falar sobre o trabalho do Hugo, que eu acho maravilhoso, isso se ele não se importar.

— Minha filha falou que é um Juiz. Imagino o quanto não deve ser difícil dar sentenças. Julgar uma pessoa tendo em vista apenas alguns papéis, não deve ser fácil!

— Realmente não é nada fácil, mas não julgamos apenas baseado em papéis. Além dos papéis, conversamos com a família, e ouvimos os dois lados para só depois dar ênfase aos papéis. Procuro ser bastante correto e aprendi isso com meu pai, ele também era Juiz. Só posso dizer que amo muito o que eu faço.

— Seu pai era, e não é mais?

— Meu pai faleceu senhor Odair.

— Sinto muito meu filho. Você tem mãe e irmãos?

— Não tenho mais ninguém. Minha mãe faleceu quando eu era adolescente, e sou filho único.

Ele balançou a cabeça, e notei que ficou sem graça, tentei amenizar a situação, mudando de assunto.

— Quer dizer que vocês têm uma horta em casa?

— Temos sim. Quer ver?

Levantamos, e fui com ele até os fundos. Apesar de a casa ser pequena, o terreno era imenso. Ali daria para construir sem dúvida alguma, duas torres de prédio.

Capítulo 16

Antonella pegou em minha mão, e fiquei sem jeito, mas ora ou outra eu teria que tocar no assunto com ele. A horta era enorme, e deu para notar o quanto eram caprichosos.

Tinha de tudo, e tudo separado com placas que continham a data do plantio, e a espécie. Fiquei encantado com tamanho capricho.

— Parabéns! Nunca pensei que cultivassem hortaliças. Mexer com a terra deve ser gratificante.

— Gosto de mexer com a terra, e minha mãe tem mãos de fada. Ela que faz as mudas e replanta depois. Tudo aqui é manual e sem nenhum aditivo que comprometa as hortaliças.

Ficamos mais de meia hora conversando sobre a horta. Ele era um grande conhecedor. Entramos, pois já estava escuro. Dona Elvira já estava abrindo as massas de pizza na pia. Gostei dela, porque ela tinha cara e jeito de avó.

Antonella pediu que eu abrisse um vinho, dizendo que sua avó adorava um bom vinho. Quando lhe dei o copo, ela limpou as mãos no avental, e sugeriu um brinde.

— Vamos brinda o quê? — Disse senhor Odair.

— Ao casal mais bonito deste mundo.

Naquela hora fiquei sem saber o que fazer e tive de falar.

— Já que iremos brindar, gostaria de pedir o consentimento de vocês para namorar Antonella. Sei que sou mais velho, mas não vejo isso como um problema, a menos...

— Relaxe meu filho. Meu finado marido tinha vinte anos a mais, e posso jurar que nunca fui tão feliz. — Disse dona Elvira.

Como eu já esperava o senhor Odair se levantou e fez Tim-Tim com o copo, e falou:

— Antonella é a minha única filha, e a rainha desta casa. Portanto só peço que a respeite, e que respeite a minha família. Somos antiquados, mas liberais só no que diz respeito às escolhas de Antonella, pois ela é uma excelente filha, e nunca nos deu trabalho, principalmente em relação aos namoradinhos. Minha filha é uma moça de respeito, e como tal deve tratá-la.

— Quanto a isso não se preocupe senhor Odair, pois minhas intenções são as melhores possíveis para com sua filha. Não sou um moleque, e sei

reconhecer uma moça de família.

— Sim você não é um moleque. E aprecio sua forma de encarar um compromisso, mas não sou homem de meias palavras, Hugo, e devo confessar que relutei em aceitar este relacionamento, porque acho que minha filha é muito nova, mas minha mãe conversou comigo, e achei justo deixá-la ser feliz. Você é um Juiz, e Antonella acaba de se formar, e isso de certa forma me assusta um pouco.

— Ser um Juiz, não me limita a ter uma namorada, senhor Odair. Antonella é a mulher que eu escolhi para ser a minha parceira. Amo a sua filha, e entendo sua preocupação, mas antes de ser Juiz, também sou homem, e é como homem que estou me declarando.

— Já que é assim, dou a minha permissão. Você me parece ser um bom rapaz, e quase nunca erro em minhas deduções. Só errei uma vez, e pago por este erro até hoje. Antonella lhe falou sobre aquela mulher, e esse foi meu único erro na vida.

— Falou sim, mas pense pelo lado positivo. Ela errou, mas em contrapartida lhe deixou esta joia de filha.

— Isso é verdade. Pelo menos isso ela fez certo. Agora vamos sentar que a primeira pizza já está quase pronta.

Apesar da casa ser modesta, estava me sentindo em um palacete, e o que mais me comoveu foi à união entre os três. Dona Elvira era uma simpatia, e gostei dela a primeira vista. Senhor Odair, apesar de sofrido era carinhoso com Antonella, e me senti em casa.

A pizza era uma delícia, e mesmo conhecendo as melhores pizzarias de São Paulo, a dela batia todas. Exagerei, porque quis experimentar todas.

Antonella mesmo comendo, colocava a mão em cima da minha, e aquele gesto me deixava feliz, porque ela era carinhosa e fazia muito tempo que eu não recebia um carinho tão espontâneo.

Depois das pizzas, sua avó levou café até a sala. Senhor Odair apesar de sentir ciúmes da filha, estava me tratando muito bem. Achei engraçado ele dizer que ser um Juiz era muito elegante.

Antonella não tinha receio em demonstrar seus sentimentos, e depois do café ela começou a passar a mão em meus cabelos, e retribui com um beijo em seu rosto, porque me sentia sendo analisado, e não queria me indispor com ele, e muito menos que ele pensasse que eu não respeitava a sua filha.

Passava das 22 horas, e me toquei que precisava ir embora. Quando falei

Antonella pediu que eu ficasse mais um pouco, mas achei melhor não abusar na primeira visita a sua casa.

Principalmente porque vi sua avó bocejar. Por certo eles acordavam muito cedo para cuidarem daquela horta maravilhosa.

Capítulo 17

Sua avó veio até a sala com uma cesta de folhas e legumes, toda sorridente.

— Estas eu separei no capricho para você levar. Se mora sozinho não deve se alimentar corretamente, e uma bela salada sempre quebra um galho.

— Muito obrigado dona Elvira. Tenho empregada, e ela saberá usar todas estas folhas. Vocês comercializam o que colhem?

— A intenção sempre foi essa, mas aqui é um bairro de gente humilde, e para economizar as pessoas plantam em seus terrenos, o que consomem. Só vendemos para o restaurante que Antonella trabalha, e para algumas famílias, mas ainda é bem pouco.

— Uma pena. Se me permitir eu posso oferecer aos casais amigos. Tenho certeza que eles adorariam, pois todos têm filhos. Vou falar com eles, pois não me custa nada, já que somos amigos de longa data.

Ela me abraçou, e eu fui me despedir do senhor Odair. Ele me abraçou e disse que eu poderia voltar quando quisesse. Antonella me acompanhou até a garagem, e colocou a cesta no banco de passageiro. Depois me abraçou.

— Vai me buscar amanhã? Sinto sua falta quando não vai.

— Sente?

— O tempo todo.

Beijei seus lábios, e ela me abraçou. Namorar era algo que eu nunca havia pensado, mas eu estava adorando aquela sensação. Dei-lhe outro beijo, e entrei no carro, dizendo que iria buscá-la no dia seguinte.

Mal cheguei em casa, ela ligou.

— Meu namorado fez sucesso na família. Vovó te adorou, e papai não para de te elogiar. Disse que é um excelente Juiz.

— E você o que diz?

— Não digo, faço. Amanhã quero conhecer sua casa, e vou preparar um risoto para almoçarmos. Coisa rápida. O que acha?

— Acho que está se arriscando.

Ela deu uma gargalhada. Depois que deitei fiquei pensando no quanto ela era especial. Uma mulher capaz de matar um dragão por dia para ter o que queria, e isso a deixava mais sedutora.

Pela manhã liguei para Cláudia e mandei foto da cesta, e meia hora depois ela me ligou dizendo que todas queriam, e que era para eu fazer as encomendas.

Ela disse que dava vontade de comer só de olhar. Pediu fotos de tudo que eles produziam. Pelo jeito elas queriam muitas coisas.

Fiquei feliz em poder ajudá-los, pois os ajudando, eu estaria ajudando minha amada. Não queria que ela passasse seus fins de semana naquele restaurante, eu a queria para mim, mesmo ela dizendo que gostava de ficar com as crianças.

Comi uma fruta, e fui mais cedo buscá-la, pois ela havia mandado uma mensagem dizendo que hoje não havia muitas crianças, pois o restaurante fora fechado para um grande evento para adultos.

Cheguei às 14 horas, e logo a vi. Como não amar aquela mulher que mesmo na simplicidade parecia uma princesa?

Desci e ela se dependurou em meu pescoço, e aquele gesto mexeu com a minha libido. Eu a beijei, e ela correspondeu na mesma intensidade.

— Estava com saudades. Desculpe se fui ousada.

— Seja sempre ousada, Ruiva. Eu também estava com saudades. Falou em sua casa sobre ir a minha?

— Por cima. Na verdade, não falei diretamente. Só disse que iríamos sair. Acha que fiz mal?

— A mim fez bem, quanto ao seu pai tenho minhas dúvidas. Ele deixou claro alguns pontos, mas não posso reclamar de poder ficar até à noite com você.

— Então vamos. Trouxe as coisas para fazer o risoto que peguei do restaurante, e espero que goste.

— Gostaria mesmo que fizesse apenas uma salada. A propósito. Ligue ao seu pai e peça que ele tire fotos de tudo que há na horta, e mande no meu celular com os preços. Diga que ele tem cinco cestas de encomendas para segunda-feira...

— Jura! Como conseguiu isso? Papai vai pular de alegria. Não sabe o quanto isso irá ajudá-los.

— Eu lhe falei que tenho diversos amigos, e a maioria são casados. Mande foto da cesta e a mulherada enlouqueceu. Agora todos estão procurando por produtos naturais. Vá falando com seu pai, pois estamos a poucas quadras de casa.

Minha ruiva ficou tão feliz que não parava de falar com o pai, e ele por certo também deveria ter ficado, pois com certeza elas iriam pedir toda semana. Cláudia vivia falando que precisava encontrar um lugar que vendesse só produtos orgânicos, desta forma ela seria uma, que encomendaria semanalmente.

Capítulo 18

Cláudia foi a primeira a ligar, e Antonella me passou o celular.

— Que coisa mais linda, Hugo! Quero tudo. Vamos fazer melhor, me dê o telefone do senhor Odair, e eu mesma farei as encomendas. Vou passar para nossas amigas o telefone. Pode deixar, vou espalhar a notícia na escola das crianças, também.

Quando falei para Antonella, ela me abraçou.

— Você é um anjo que caiu do céu, e me surpreende a cada dia.

— *Te surpreendo?*

— O tempo todo.

Quando entrei na garagem ela pegou em minha mão. Senti que ela estava nervosa. No elevador tapei seus olhos com as mãos, e ela ria. Quando entramos tirei as mãos do seu rosto, e ela ficou parada no meio da sala. Coitadinha da minha ruiva era muita informação para sua cabecinha.

— Não acredito que mora aqui sozinho. É lindo, Hugo! Quero olhar cada cantinho, mas antes quero conhecer a cozinha, pois meu estômago está nas costas.

Levei-a para cozinha, e esse foi outro lugar que ela adorou. Logo ela falou me abraçando.

— Tem a sua cara, na verdade tem a cara de um Juiz. Deve ter se sentido mal em minha casa, pois, aqui me parece um palácio de tão lindo. Agora mãos na massa. E você vai ajudar! Onde está a cesta que vovó lhe deu ontem?

— Cláudia me ensinou a guardar, e está tudo na geladeira.

— Ela fez bem. Agora lave as mãos e pegue alfaces, tomates e rabanetes. Vai ficar com a salada, mas antes eu preciso lhe dizer uma coisa. Sabia que me apaixonei por você desde aquele dia do carro?

Abracei Antonella, e nos beijamos. Tudo nela me encantava, e vê-la na cozinha preparando nosso almoço, era o mesmo que estarmos casados, e quando falei, ela me beijou.

— Sou uma mulher de sorte. Onde encontraria um homem como você? Como gostaria que eu lhe chamasse? Hugo é um nome lindo, mas sou romântica. Pensei em amor, moreno, querido ou meu bem. O que acha?

— Se eu posso escolher fico com “amor”, pois isso é o que eu sinto por você, minha ruiva. Gosta de ser chamada de ruiva?

— Ah, meu amor. Tudo que eu disser irá parecer pouco. Adoro quando me chama de ruiva, e adoro tudo que vem de você. Agora não me enrole, e lave essas folhas muito bem. Em meia hora este risoto estará pronto. Viu como é fácil?



Antonella

Ele era uma excelente companhia, e me ajudou a por a mesa. Não poderia negar que ele tinha bom gosto, pois até suas louças eram lindas. Comemos primeiro a salada que ele se gabava por ter feito. Acho que Hugo nunca havia feito sequer uma salada, pois tirando o que vovó mandou, só restavam bebidas e queijos, na geladeira. Quando falei ele deu uma gargalhada.

— Minha empregada que mexe na cozinha, e é na segunda-feira que ela faz as compras, por isso está nesta situação. Seu risoto está maravilhoso.

— Não exagere. O que acha de me mostrar o apartamento? Até agora só conheci a sala, e a cozinha.

Ele pegou em minha mão e foi me mostrar tudo. Apesar de ser pobre, eu sabia o que era bonito, e ali não havia defeito. Seu quarto era um luxo, e estava arrumado, pelo menos ele arrumava a cama.

— Como pode morar sozinho neste apartamento tão grande? Só sua sala daria minha casa inteira. Não acha um exagero?

— Antes eu achava, mas hoje penso que tem o tamanho ideal para nós dois...

— Como nos dois...

— Não será a minha namorada eternamente...

— Não serei?

— Não porque tenho planos para nós, mas ainda é cedo para falarmos sobre este assunto.

Voltamos para sala, ele me ajudou a tirar a mesa, e fomos fazer café.

Depois sentamos na sala, e ele me abraçou.

Capítulo 19

Não poderia mentir ou omitir, mas eu nunca havia sido tão feliz. Sentei em seu colo, e ele deu risada.

— Gosta de brincar com fogo, dama do fogo?

— Gosto de você, e isso é um fato. Agora quero que diga por que dama do fogo?

— Olhe estes cabelos e diga se não parece a dama do fogo, do filme? Não sabe o quanto estou feliz em tê-la em minha casa. Você é mesmo de verdade, ou estou sonhando?

Ele me beijou e passou a mão em meus cabelos. Claro que eu sabia que ele queria o mesmo que eu, mas ainda tínhamos que conversar, porque eu ainda não tinha contado sobre meus outros relacionamentos, e parece que ele leu meus pensamentos.

— Ruiva, você nunca falou sobre seus namorados. Já havia se apaixonado antes?

— Não falei porque nunca perguntou! Tive dois namorados. Um na faculdade que até achava que gostava dele, mas descobri que ele era volúvel, e antes de me enrolar mais, acabei com o namoro. Depois namorei um argentino que eu conheci no restaurante. Não nesse restaurante que trabalho, foi em outro que eu havia trabalhado antes.

— Se está enrolando para falar, é porque esse...

— Esse foi como o outro. A única diferença é que deste eu gostava, mas não era para ser. Ele teve de voltar para sua terra, e foi isso. Ele foi e eu fiquei. Não posso mentir, mas eu gostava muito dele, e sofri bastante quando ele foi embora.

— Gostava ou ainda gosta?

Ele estava com ciúmes, e não dava para esconder, porque notei quando falei de Juan, que até seu semblante mudou, e isso era característico de ciúmes.

— Se gostasse teria ido atrás dele, não acha? Gostei e depois desgostei, porque isso era o certo. E você?

— Esse argentino foi conhecer a sua família?

— Não. Nunca levei ninguém em minha casa. Era eu quem frequentava o seu apartamento, mas meu pai sabia do nosso envolvimento, só não sabia que eu frequentava sua casa. Só minha avó sabia.

— Não gostei desta história, mas não posso discutir com você sobre seu passado. Vocês...

— Quer saber se transamos?

— Claro! Acho que eu tenho direito de saber, Antonella.

— Éramos um casal, e casais transam.

— Nada sério com ninguém, apenas companhia para sair, e a maioria só saí duas ou três vezes. Tive várias mulheres, mas só soube o que era amor, depois que lhe conheci.

— Que lindo, amor! Entende agora quando eu falei que desgostei de Juan. Era para ser assim! Vovó diz que cada um tem seu par na vida, e acho que eu encontrei o meu par. Você é o meu amor, o outro foi apenas um caso sem importância. Assim como foi com você. Acredito que cada um tem seu par, e você?

— Talvez. Acredito no que vejo e sinto. Como era seu relacionamento com esse argentino?

— Normal, como qualquer casal. Por que está fazendo tantas perguntas? Vamos parar de falar sobre o passado, porque ficou para trás. Acho melhor me levar para casa. Não quero dar motivos para meu pai ficar preocupado. Meu pai sofreu muito, e não sabe como sinto pena dele. Por culpa daquela mulher, ele perdeu tudo que levou anos para conquistar.

— Você está certa. Mas essa história não termina aqui, Ruiva. Ainda tem muito que me contar sobre este relacionamento, porque não eram apenas namoradinhos, como disse.



Hugo

Aquela conversa havia me deixado enciumado, pois ela não quis dar detalhes, e isso não era um bom sinal. Conhecia um pouquinho de Antonella e notei que falar sobre o argentino havia sido tão difícil quanto ter falado sobre a sua mãe.

Passava das 22 horas quando chegamos. Senhor Odair veio falar comigo, e me pareceu bem contente.

— Sete encomendas de cestas para o começo da semana, e todas dos seus amigos. Dona Cláudia é de uma gentileza fora do normal. Obrigado por indicar seus amigos, Hugo. Não quer entrar para tomar um café? Nem sei como lhe agradecer por tudo que fez. Estávamos precisando mesmo de um incentivo, e estas encomendas me deram mais gás para trabalhar.

Capítulo 20

Antonella nem me deixou falar, e me puxou pela mão. A cozinha estava lotada de legumes, que dona Elvira estava arrumando caprichosamente nas cestas. Senhor Odair falou com sua filha:

— Quase tudo pronto, mas ainda não tenho ideia de como entregar, sem carro. Pensei em chamar um táxi, mas acho que sairá bem caro, pois todas as entregas são do outro lado da cidade.

— Poxa papai! Não podem perder estes novos clientes por conta disso. Vou pedir um adiantamento no restaurante, e compramos esta bateria. Amanhã cedo vou até lá, e chego a tempo de entregarmos as encomendas.

Fiquei ouvindo os dois conversarem, e não sabia se eu me metia na conversa. Resolvi arriscar.

— Senhor Odair, eu posso comprar a bateria...

— Não senhor! Vamos resolver, pois este não é o primeiro aperto que passamos.

— *Me* deixe ajudá-los, e encare isso como um empréstimo. Quando receber me devolve.

Ele coçou o queixo, olhou para mim e sorriu.

— Vou aceitar porque não quero prejudicar seus amigos que estão esperando pela entrega, mas vou lhe devolver assim que receber. Deixe sua conta que eu faço o depósito, é assim ou nada feito. Já nos ajudou muito, indicando seus amigos.

Ele falou o preço da bateria, e eu lhe dei em dinheiro. Tomei o café, e me despedi. Antonella foi comigo até o carro e me pareceu estranha, e estava.

— Meu pai não deveria ter aceitado seu dinheiro...

— Não dei o dinheiro a ele, foi um empréstimo, meu bem. Depois eles estão arrumando tudo para fazer as entregas, e não achei justo. Não se cobre tanto. Amigos se ajudam, e seu pai agora é um amigo que eu prezo muito.

— Não gosto de misturar as coisas. Você é o meu namorado, e nossos problemas não entram neste pacote, e que isso fique bem claro!

— Por que está sendo tão dura comigo? Só quis facilitar ao seu pai.

— Não quero que facilite nada. Nossos problemas de casa não são da sua conta, e eu não estou à venda, Hugo. Não faça me arrepender por tê-lo apresentado para a minha família. Não gostei e isso é um fato. Tenha uma boa

noite, Hugo.

Resolvi não continuar com aquela discussão desnecessária, mas fiquei irritado do modo com que ela falou, comigo. Antonella havia sido arrogante, e isso não combinava com ela.

Em casa fiquei pensando em tudo que havia acontecido, e não vi nada de errado no que eu havia feito. Estava nervoso, e se ela ligasse a conversa seria outra.

No dia seguinte fui para o Tribunal cedo, tinha muitas coisas para resolver. Passava das 12 horas quando Cláudia ligou encantada com a cesta, e disse que ofereceria as suas amigas. Pouco depois meu celular acusou o depósito. Realmente ela havia falado sério.

Não liguei naquele dia, e ela também não, o que achei estranho, pois, quando eu atrasava para ligar, ela mandava mensagem. Achei até melhor porque hoje eu não estava nos meus melhores dias, e talvez dissesse algo que ela não gostasse.

Nos dias que se seguiram foi a mesma coisa, e quando falei com Marcos, ele também achou estranho.

— Essa moça é uma pimenta malagueta. Você não tem que passar por isso. Só espero que não saia correndo atrás dela sábado, como sempre faz.

— É meu amigo, eu acho que não conhecia Antonella direito. Não vou procurá-la, e disso pode ter certeza. Se ela quiser falar comigo, saberá onde me encontrar, e agora quem irá falar sou eu. Onde já se viu me dizer aquelas coisas?

No sábado fui visitar um Juiz amigo que estava no hospital, depois fui almoçar com outros dois. O dia passou num piscar de olhos, e ela não ligou. Já que era assim, ela que se danasse, pois não teve sequer a decência de falar obrigado pelos clientes que indiquei.

À noite sai com o pessoal de sempre, e no domingo dormi até tarde. O dia estava chuvoso, e aproveitei para por a leitura em dia.

Passava das 19 horas quando o porteiro avisou que Antonella estava na portaria. Pedi que subisse, pois agora a conversa seria outra, e quem iria falar era eu.

Quando abri a porta lá estava ela com uma cesta cheia de legumes e frutas, na mão.

— Trouxe para você a pedido de vovó. É uma forma de agradecimento por tudo que fez. Você está bem?

— Não precisava se preocupar. Não fiz nada. Era só isso? Preciso tomar

banho.

— Desculpa pelo que eu lhe disse Hugo. Não fui muito gentil...

— Desculpas aceitas. Agora preciso mesmo tomar banho. Mande lembranças ao seu pai e agradeça a sua avó pela cesta. Outra coisa, diga a ela que não precisa me mandar mais, porque acaba estragando, já que faço a maioria das refeições na rua.

— Por que está me tratando assim? Vim para me desculpar, e nem me convidou para entrar! Sei que não fui legal com você, mas não é para tanto...

— Não era para tanto! Ou você tem a memória curta, ou é louca. Não me meti em seus problemas, e muito menos tentei te comprar com aquele empréstimo. Não foi a você que eu emprestei aquele dinheiro, e se o seu pai aceitou, é com ele que deve falar, não comigo! Você foi cruel e maldosa, e não gostei da forma que falou. Melhor você ir Antonella, nós não temos mais nada para conversar.

Ela saiu e deixou a cesta no chão. Pensei em chamá-la de volta, mas meu bom senso falou mais alto. Tomei banho, e fui levar aquela cesta para Cláudia.

Capítulo 21

Ela também achou estranho o comportamento dela, e isso só reforçou o que eu estava pensando. Antonella era orgulhosa, e via uma ajuda como favor. Este jeito dela não me agradava. Na verdade, nem parecia a minha Antonella dizendo aquelas coisas.

Na segunda-feira ela mandou mensagem dizendo que eu havia sido injusto, e resolvi não responder, porque nem tinha o que dizer, já que ela se considerava certa. Ela havia sido arrogante, e o injusto era eu?

Resolvi não pensar mais nela, porque me enganei quando achei que ela era madura para a sua idade, quando na verdade não passava de uma criança, mimada. Eu não estava mais na idade de passar por isso. Ela continuou mandando mensagem, e eu não respondendo, até o dia que ela apareceu na entrada da garagem, e quase a atropelou.

— Desculpa, eu não queria te assustar. Será que podemos conversar? — Ela falou toda sem jeito.

Pedi que ela entrasse no carro e fui estacionar. Ela parecia nervosa. Em casa pedi que sentasse, e ela falou:

— Por que está fazendo isso comigo? Falou que me amava que eu era o amor da sua vida, e bastou um desentendimento para você se rebelar? Faz quinze dias que não fala comigo, que não responde as minhas mensagens. Que amor era esse, Hugo?

— Quer conversar? Veio até aqui, agora terá que me ouvir. Você foi petulante e malcriada comigo naquela noite, quando meu único propósito era ajudar. Não gosto de mulheres assim. Não gosto de pessoas orgulhosas que mesmo estando em apuros, não aceitam ajuda. Você foi petulante quando falou que não estava a venda. Melhor pararmos porque nem tenho mais o que dizer.

— Não fale assim sem saber dos fatos...

— Que fatos? Seu carro estava parado por um mês sem bateria, seu pai tinha as entregas. Acredita que até me arrependi de ter me metido nisso? Coloque uma coisa na cabeça. Eu não obriguei seu pai a pegar o dinheiro, e se ficou tão incomodada assim, deveria ter falado na hora que ele aceitou.

— Você está certo. Na verdade, só posso lhe agradecer pela ajuda. Tive problemas antes com uma pessoa que quis nos ajudar, e depois tive de assumir a dívida, e pagá-la não foi fácil.

— Neste caso deveria ter me impedido de abrir a carteira, e seu pai não

deveria ter aceitado. Não pode me culpar por isso. Não gostei da forma que falou comigo. Não sou um moleque, Antonella! Melhor você ir embora, porque não existem desculpas para o que você fez.

— Vou, mas não antes de lhe contar porque eu agi daquela forma. Não quero que pense mal de mim, sem antes saber dos fatos. Lembra quando falei de Juan? Ele não voltou para Argentina naquela época, voltou um ano depois.

— Por que tanta mentira?

— Vai entender se me deixar falar. Bem, meu pai estava em apuros na época que eu namorava Juan. Papai estava sem trabalho, e precisava de um carro para fazer bico de taxista. Quando comentei com Juan, ele na hora se ofereceu para ajudar. Como ele trabalhava em uma revendedora de carros usados, tirou um carro para meu pai, e combinou que ele pagaria uma quantia por mês.

— Você mentiu quando disse que ele não havia frequentado sua casa. Por quê?

— Precisei mentir. Papai escolheu um carro que dava para ele trabalhar, e ficou no nome de Juan. Ele havia dito que assim que papai pagasse, transferiria o carro para ele. Nos primeiros meses papai deu quase tudo que havia recebido, pois seu intuito era pagar logo aquela dívida. Mas alguns meses depois papai já não estava conseguindo tirar quase nada, pois o carro era simples, e não tinha ar condicionado. Fora isso as pessoas estavam preferindo pegar o metro que havia acabado de ser inaugurado.

Enquanto ela falava fiquei pensando. Então era comum seu pai usar dinheiro dos seus namorados. Ela deu uma pausa, depois continuou.

— Juan teve de cobrir as prestações do carro, e quando viu que estava tendo prejuízo, resolveu vendê-lo. Papai concordou, pois ele estava envergonhado de não cumprir o acordo. Mesmo vendendo o carro, ficamos devendo a Juan. Eu assumi a dívida e falei que eu iria pagá-lo, mas ele não aceitou e falou que só aceitaria se eu dormisse com ele. Apesar de frequentar sua casa, nunca havíamos transado e eu não queria que a minha primeira vez fosse daquele jeito.

Quando ela falou aquilo um calor subiu pelo meu corpo e tive vontade de mandá-la embora da minha casa, mas agora eu precisava saber de tudo.

Capítulo 22

Ela passou as mãos no rosto, como quem estava sem graça, e continuou.

— Juro que eu não queria, porque ele estava sendo cafajeste, mas quando falei ele ameaçou prejudicar meu pai, e para salvar minha família, aceitei, pois sabia que Juan estava falando sério. Foram duas vezes, e eu nunca havia me sentido tão mal. Essa foi a pior coisa que eu fiz em toda minha vida, e não sabe o quanto lamento lhe dizer estas coisas. Juan cumpriu o que havia acertado comigo, e depois nunca mais o vi. Depois de um ano eu soube por um amigo que ele tinha voltado a sua terra natal.

— Seu pai a vendeu para pagar sua dívida?

— Claro que não! Papai nunca soube desta história. Esse carro que temos, fui eu que comprou com meu fundo de garantia, e foi para meu pai fazer as entregas. Essa é a história, e por isso eu fiquei daquele jeito quando meu pai aceitou seu dinheiro.

— Fora todas as mentiras, você ainda se prostituiu para pagar uma dívida que era do seu pai? Se isso não bastasse ainda me comparou a esse escroto? Você não foi honesta comigo, e isso eu jamais irei perdoar. Não se envergonha do que fez? Você se vendeu por dinheiro, e agora quer me convencer que fez isso para ajudar seu pai? Que espécie de mulher é você, Antonella? Melhor você ir embora, porque estou com nojo desta sua história.

— Eu tive de fazer isso, Hugo! Se eu não fizesse ele iria prejudicar meu pai. Não pense que eu me orgulho disso, e não sabe o quanto me penitencio por ter concordado...

— Você fez porque por certo gostou da ideia, e não se faça de vítima, porque você tinha outros meios. Se o carro não estava no nome do seu pai, o que este rapaz poderia fazer contra ele? Não vê que isso não tem lógica?

— Não sabia disso naquela época. Fiquei com medo que ele ficasse pressionando meu pai. Ela já sofreu muito com minha mãe. Perdoe-me se o que lhe contei lhe deixou assim, mas gosto de você, e não queria mais mentir. Quando deu o dinheiro ao meu pai, tudo voltou a minha cabeça. Vou embora, mas antes preciso dizer que não sou quem está pensando.

Ela notou que eu não estava gostando do rumo daquela conversa, mas pelo visto estava disposta a falar tudo.

— Sou honesta, Hugo. Errei, mas foi por medo e falta de informação. Precisei ser adulta antes do tempo, e talvez por isso eu tenha feito tudo errado.

Não me julgue e nem me olhe com esta cara de espanto. Você não sabe o que é sentir medo de não ter o que comer no dia seguinte. Olhar para seu pai e sentir vergonha por tudo que precisei fazer. Não fale sobre o que não sabe, ou sobre o que nunca vivenciou. Condenar é fácil. Amo você, mas saberei respeitar sua decisão.

Ela saiu, e eu me larguei no sofá. Quem era Antonella? Como eu pude gostar tanto de uma mulher feito ela? Naquele momento resolvi esquecê-la, e continuar minha vida, pois tudo que eu vivi nestes meses, foi uma mentira.

Eu a amava, mas hoje a vendo falar, notei que a nossa diferença não era somente social, mas também de caráter. Se ela fosse honesta, jamais faria o que fez, só para livrar seu pai de uma dívida que a meu ver não daria em nada, já que o carro estava no nome de terceiros.

Ela não poderia ter sido tão burra a ponto de não pensar nisso. Ela aceitou aquele acordo porque quis, e isso foi só uma desculpa para ela transar com aquele escroto.

Vai saber com quantos ela não saiu depois. Sabia que não poderia exigir uma virgem, porque hoje as coisas eram diferentes, mas perder a virgindade por troca de favores era o mesmo que se prostituir, a meu ver.

Não comentei este assunto com ninguém, e no fim de semana quando fui me reunir com o pessoal, só falei que estava dando um tempo. Soube que Cláudia havia arrumado mais clientes para o senhor Odair, e de certa forma fiquei em paz comigo mesmo.



Antonella

Depois que sai do apartamento de Hugo fui conversar com vovó, pois nem ela sabia sobre o que eu tinha feito. Ela chorou muito, e se culpava o tempo todo, isso me deixou ainda pior.

— Acho que não fui uma boa conselheira para você Antonella. Tentei passar valores morais e vejo que não entendeu nada. Seu namorado tem toda

razão em ficar chateado, e duvido que ele lhe perdoe, pois até eu que a criei com todo carinho, estou com vontade de lhe dar umas palmadas. Por que não falou antes comigo? Não se entrega a um homem desta forma, principalmente para tapar buracos deixados por seu pai. Estou muito decepcionada com você. Fez tudo escondido, sinal que sabia que estava errada. Agora vá para seu quarto antes que eu perca a cabeça.

— Não fale assim, vovó! Você foi uma ótima conselheira. Fiquei com medo que ele fizesse algo contra papai. Não me olhe desta forma porque estou me sentindo péssima. Acha que eu gostei do que fiz?

— Está me parecendo que sim, pois nem seu pai merecia este sacrifício todo. Não quero mais falar sobre este assunto por hoje, pois estou em choque, e pode se preparar, pois acaba de perder seu grande amor, por pura burrice. Até quando irá ficar passando as mãos na cabeça do seu pai? Deixe que ele resolva seus problemas, como sempre fez. Se ele souber desta história pode se preparar para tomar um banho de salmoura.

Fui para o quarto chorando, pois vovó havia ficado magoada comigo pela primeira vez, mas ouvir tudo aquilo da boca de Hugo, foi o que mais me doeu. Ele não havia entendido nada, e agora me achava uma mulher vulgar, e por certo ele tinha razão, porque pensei fazer uma coisa, e acabei fazendo outra.

Mal ele sabia que eu não havia sentido nada naquele relacionamento. Para ser sincera, senti nojo misturado com raiva, e neste dia odiei ainda mais aquela que se dizia minha mãe.

Esperei ansiosa que ele ligasse na semana, mas ele não ligou, então o imaginei me esperando na porta do restaurante, e ele também não apareceu. Meu coração doía ao pensar o quanto ele estava me odiando.

Vovó dizia que ele estava coberto de razão, e o que eu havia feito não era certo. E depois daquela lição de moral que ela havia me dado, ficou dias sem falar comigo.

Estava me sentindo a mulher mais vulgar do universo. E quando olhava para o papai, ficava me sentindo pior. Se ele soubesse o que eu havia feito, por certo iria atrás de Juan, na Argentina e o obrigaria a se casar comigo, e isso era tudo o que eu não queria, pois o odiava com todas as forças.

Capítulo 23

Perder a confiança de vovó, e o amor da minha vida, foi como se o mundo estivesse acabado, e só eu fiquei para pagar meus pecados... E que pecados!

Na semana seguinte arrumei um trabalho, e isso aplacou um pouco a minha tristeza. Trabalhar em uma grande empresa era o meu maior sonho, e graças a Deus eu havia conseguido.

O salário era bom, e ainda eu teria muitos benefícios. Papai e vovó ficaram tão felizes que até me emocionei, mas mesmo assim eu não parava de pensar em Hugo.

Eu havia penado para pagar aquela faculdade, mas agora pensando bem, foi a melhor coisa que eu fiz, e valeu cada sacrifício, cada noite sem dormir para estudar, e todo trabalho extra que peguei para comprar os livros.

Os dias passavam e eu não parava de pensar em Hugo. Sentia falta de tudo nele, e com certeza se não fosse com ele, não queria mais ninguém, pois ele era o meu par, minha outra metade, que estupidamente joguei fora, por ser tão idiota.

Às vezes meu dedo coçava para ligar ou mandar uma mensagem, mas quando me lembrava do que ele havia falado, e da forma que me olhou, meu querer diminuía. Eu jamais amaria outro homem, porque Hugo me ensinou o que era o amor em sua plenitude.

No escritório havia muitos homens bonitos que não tiravam os olhos de mim, mas meu coração continuava atrelado ao de Hugo, e se não pudesse estar com ele, ninguém mais me importava.

Agora trabalhando e tendo um bom salário, poderia ajeitar a casa, porque papai e vovó estava ganhando bem vendendo suas hortaliças, e essa era mais uma dívida que tinha com Hugo. Se ao menos ele me procurasse...



Hugo

Quase um mês, e eu me fazendo de forte para não pensar nela, mas era uma tarefa árdua, e às vezes me pegava pensando em como eu a amava. Antonella foi o meu primeiro amor, e só isso bastava para eu repensar em tudo.

Não poderia julgar Antonella como julgava os casos no Tribunal, pois eu nunca havia me colocado no lugar dela. Ela era tão doce, e tão desprovida de valores materiais, no entanto caiu nas garras de um safado, que só quis se aproveitar dela.

Na outra semana aproveitei que eu havia trocado de carro, e fui até o restaurante, pois só precisava vê-la, para aliviar meu coração.

Fiquei de longe, pois meu intuito era apenas matar as saudades que estavam me consumindo. Ela não saiu, e fiquei até o restaurante fechar. Aquilo me deixou desanimado. No domingo fui novamente, e ela não apareceu. Então perguntei ao garçom que estava fechando as portas, e o que ele disse acabou com todas as minhas esperanças.

— Infelizmente Antonella não trabalha mais aqui há mais de um mês, mas se quiser posso lhe passar o contato dela.

Falei que não precisava, voltei para casa e resolvi mandar uma mensagem. Claro que nada muito pessoal. Só iria perguntar como estavam todos, e foi o que eu fiz. Mande a mensagem e fui tomar banho. Quando fui olhar, ela havia respondido.

→ Estamos todos bem. Achei que nunca mais falaria comigo, Hugo. Você está bem?

→ Estou bem. Como andam as vendas de hortaliças?

→ Graças a você e a sua amiga, não estão dando conta das encomendas. Não estou trabalhando mais no restaurante.

→ Saiu por quê?

→ Porque agora os ajudo nos fins de semana. Estou trabalhando. Não contei antes porque pensei que não queria mais falar comigo. Sinto saudades de você.

→ Que bom que está empregada

→ Verdade, agora as coisas irão se ajustar. Você me trouxe sorte, pois depois que lhe conheci, só aconteceu coisas boas em minha vida.

→ O mérito é só seu Antonella. Boa semana para você

Desliguei o celular e fiquei pensando. Estava feliz por ela ter saído

daquele restaurante.

Depois deste dia nos falávamos pelo menos uma vez por semana, mas só sobre trabalho ou sobre a horta da família. Falar com ela, mesmo como amigo, já aliviava meu coração. Mas eu ainda tinha pesadelos quando pensava no que ela havia feito.

Um dia ela ligou, e me pegou de surpresa.

— Não gostaria de sair comigo na sexta-feira? Faz muito tempo que não saio, e você seria uma ótima companhia.

— Será um prazer. Tem ideia do que gostaria de fazer?

— Vê-lo já estaria de bom tamanho. Você esta me deixando encabulada.

— Eu lhe deixo encabulada?

— O tempo todo, Hugo.

Capítulo 24

Deixamos combinado que eu iria pegá-la no trabalho na sexta-feira, e eu estava contando os minutos.



Antonella

Assim que terminamos de conversar, fui contar a vovó. Essa era tão fã de Hugo, que nunca me perdoou pelo que eu havia feito a ele. Eu estava feliz e não via a hora de revê-lo.

Sexta-feira eu caprichei no visual, pois seria um dia decisivo. Iria abrir meu coração de modo que ele entendesse o quanto eu o amava, e o quanto lamentava tudo que havia acontecido. Agora estava empenhada em reconquistar seu amor, e isso era o que mais me dava garra. Não podia perder o único homem que amei em toda minha vida. Não, se dependesse de mim. Hugo já estava reservado para mim bem antes de eu ter cometido aquela insanidade com Juan.

Quando pensava no quanto fui infeliz ao lado dele, tinha vontade de me punir. Como eu pude ser tão infantil? Como pude deixar que ele me convencesse que prejudicaria minha família se eu não aceitasse a sua chantagem?



Hugo

Sexta-feira, eu sai de casa cedo para poder voltar mais cedo, porque não

via a hora de revê-la. Às 18 horas eu já estava na frente do prédio que ela trabalhava, e completamente sem graça, pois fora eu quem a mandará embora.

Assim que a vi, meu coração disparou. Ela era a visão dos deuses. Estava ainda mais linda vestida de executiva. Seus cabelos estavam mais bonitos, se é que isso era possível. Ela parou ao lado e sorriu, e aquele sorriso me desarmou.

— Está de carro novo! Que lindo, Hugo! Parabéns, você tem bom gosto para carros.

— Como vai, Antonella? Conheço muitos advogados deste edifício.

— Deve conhecer mesmo. Graças a Deus arrumei esta colocação, e não sabe o quanto foi bom para mim. Como você está? Vi você na revista dando entrevista sobre aquele caso das duas famílias que tiveram seus filhos trocados na maternidade. Fiquei orgulhosa de você...

— Você viu! Há casos que comovem mais que outros, e são normais em minha profissão.

— Não seja modesto. Ouço muitos elogios sobre você...

— De quem?

— Dos advogados com quem trabalho. Quando o vi na capa da revista, falei que lhe conhecia, e só te elogiaram. Não sabe o orgulho que eu senti de você. Hoje será o meu convidado, e eu escolho o restaurante.

— Faremos melhor que isso. Somos um casal moderno, desta forma cada um paga o seu...

— De jeito algum! Ou eu pago, ou sem jantar.

Não falei mais nada, porque notei que ela queria me agradar. Ela indicou o restaurante, e quando ela falou o nome, achei que não daria certo, pois era um restaurante muito caro para ela pagar sozinha. Parece que ela leu meus pensamentos.

— Quem vê cara não vê coração. Nem tudo é o que aparenta ser. Não é um restaurante cinco estrelas, mas a comida é excelente. Estive aqui semana passada com o meu superior, e achei o preço ótimo.

— Veio jantar com seu chefe?

— Não me julgue mais, Hugo! Vim almoçar com o Doutor Fábio, que além de casado, tem a idade do meu pai.

— Desculpe. Vamos entrar?

Ela estava feliz em poder me pagar um jantar, então deixei que ela fizesse, pois sentia que isso era importante para ela. Antonella era doce e

passava tranquilidade enquanto falava. Contou-me sobre o seu trabalho, e enquanto ela falava, eu não conseguia tirar os olhos da sua boca.

Ela estava feliz, e isso já me bastava. Até imaginava o quanto era eficiente no trabalho, pois tudo que ela fazia se entregava de corpo e alma.

O jantar estava ótimo, principalmente pela companhia, pois estar com Antonella era o mesmo que estar no céu entre os anjos. Não sabia explicar o tamanho do meu amor por ela. Era uma coisa que não dava para me conter. Suas covinhas me deixavam louco, e seus olhos me faziam levitar.

Capítulo 25

Ela perguntou se eu havia gostado do jantar.

— Muito bom! Você acertou, pois esta carne estava deliciosa. Continua sem carro?

— Continuo. Achei melhor deixar com meu pai, por conta das encomendas, mas logo poderei comprar outro. Agora sem ajudar em casa, está dando para guardar um pouco de dinheiro.

— Fico feliz que esteja conseguindo realizar seus sonhos.

— Hugo, você ainda pensa tudo aquilo de mim? Não sabe o quanto me fez pensar. Eu me precipitei por medo, e hoje quando penso sobre aquilo, vejo que fiz tudo errado. Mas foi por medo... Medo de causar mais problemas a minha família.

— Já esqueci este assunto, Antonella. Não posso lhe recriminar sobre o que fez, porque não tenho ideia do que passou. Vivo dando liminares contra ou a favor de pessoas que não conheço, e que só tenho como referência os laudos que me são entregues, e conversas nos bastidores do Tribunal. Por isso gosto de estudar cada caso, para não cometer erros, desta forma não quero mais entrar no mérito da questão, pois você deveria saber o que estava fazendo.

— Não... Eu não sabia o que estava fazendo. Não acho justo que você pense que eu fiz aquilo por querer, ou gostar...

— Mas você gostava dele!

— Gostava, mas não o necessário para fazer o que fiz. Você não pode tirar conclusões, porque não tem ideia de como era a minha vida. Perdemos tudo que tínhamos, e não era pouca coisa. Vivíamos bem, com conforto. Nosso apartamento era grande, e muito bem localizado, mas ela o vendeu sem pensar para onde iríamos. Papai perdeu um emprego que lhe rendia uma bela soma por mês, por conta dela. Foi preso por uma semana, por causa dela. Como acha que ficaria a cabecinha de uma criança? Cresci ouvindo minha avó e meu pai temendo se teríamos o que comer no dia seguinte. Acha que eu teria outra saída? Em minha cabeça, se eu não pagasse, papai seria preso novamente, e pensar nesta possibilidade me fez fazer o que eu fiz. Não me julgue mais, Hugo.

— Entendo tudo isso Antonella. Não estou lhe julgando. No momento que contou, eu te julguei, e cheguei a te odiar, mas depois eu entendi. Só não sei como você conseguiu ficar com aquele rapaz. Você sabia que ele estava se aproveitando de você, porque ele não poderia fazer nada contra seu pai.

— Agora eu sei, mas antes eu não sabia. Não pense que eu me orgulho disso. Ficar com aquele homem foi mais desespero de causa. Talvez não acredite, mas eu não senti absolutamente nada com ele, só raiva, e ódio. Depois eu nunca mais tive ninguém. Nunca mais confiei em ninguém, até lhe conhecer.

— Confia em mim, Antonella?

— O tempo todo, Hugo.

Peguei em sua mão, e me aproximei a beijando. Ela estava sendo sincera. Eu já havia visto de tudo no Tribunal, e este caso não era para eu julgar, mas sim perdoar, e foi o que eu fiz.

— Quer ser a minha namorada, Antonella?

— Pensei que nunca mais iria me fazer esta pergunta. Eu continuo sendo a sua namorada, mesmo quando me mandou embora. Agora melhor irmos.

Ela pagou a conta sem me deixar ver. Seu gesto me deixou ainda mais apaixonado, porque aquele jantar fora a prova que ela achou que eu precisava para confiar nela.

Antes de sair ela me beijou, e fiquei em brasas, mas não iria propor nada, antes que ela mesma me pedisse. Meu corpo precisava dela de uma forma que não dava para controlar, mas teria que saber acalmar a minha libido, pois não queria lhe forçar a nada.

Eu a deixei na porta de casa, e antes de sair a beije, e ela correspondeu.

— Hugo, você ainda tem alguma dúvida?

— Não, minha Ruiva. O que deseja fazer amanhã?

— Pela manhã vou ajudá-los com a horta, mas depois podemos ficar juntos. Quer que eu vá a sua casa?

— Adoraria. Estou louco para ficar sozinho com você. Domingo tenho um aniversário, e gostaria que você fosse comigo, assim conhecerá meus amigos, suas esposas e filhos.

— Vou adorar conhecer seus amigos.

Fui para casa mais alegre que criança que acabará de ganhar seu brinquedo favorito. Dormi como um príncipe, e acordei cheio de amor para dar.

Antonella mandou mensagem de bom dia, dizendo que viria mais cedo para almoçarmos juntos, e eu respondi todo feliz da vida.

Capítulo 26

Adiantei um processo que estava enrolado, e ela chegou logo depois. Hoje ela estava deslumbrante. Beije-a e ela foi se sentar na sala.

— Adoro estar aqui com você. Hoje falei com meu pai e minha avó que vou ficar aqui. Desculpa se me adiantei, mas não vejo razão para esperar, porque eu sou sua desde aquele dia que o vi.

— Veio para ficar? Onde deixou as suas coisas?

— No carro. Fim de semana não tem entregas, e posso usar o carro. Quer que eu fique?

— É a coisa que eu mais desejo neste mundo. Só quero que esteja certa do que está fazendo...

Ela não me deixou terminar de falar, e me puxou para junto dela no sofá. Antonella não tinha experiência, mas tinha amor, e isso já era o suficiente. Agora meu sangue pulsava, e meu coração batia descompassadamente, pois tê-la em meus braços era tudo que eu sempre desejei.

A tomei em meus braços, e a levei para o quarto. Tirei seu vestido e fiquei olhando seu corpo. Sim, ela era linda, e agora era somente minha. Eu a beijei, ela tirou minha camiseta. Mesmo ela não tendo o poder da sedução, não conhecendo o ato sexual na sua plenitude, ela me deixou alucinado.

Beijei seus lábios, e depois desci até os seus seios que pareciam querer pular do sutiã. O tirei e me apossei deles os sentindo enrijecer com meu toque. Brinquei com um deles lhe deixando gemer, e vê-la sentindo prazer, aguçou ainda mais meus sentidos.

Num ímpeto arranquei sua calcinha, e fiquei admirando aquilo tudo. Ela não tinha defeito, e seu corpo era perfeito. Beijei sua barriga, e fui descendo até suas partes mais íntimas, que agora se abriram para mim, como se ali faltasse o meu pedaço. O pedaço que agora estava rijo e pulsando.

Coloquei a camisinha para protegê-la, enquanto ela beijava meu peito. Ela era deliciosa e saber que agora era só minha, fez meu corpo tremer e a minha libido dobrar de tamanho. Olhei para aqueles olhos, e fui me ajustando de modo que ela não sentisse desconforto, só prazer.

Ela estava no ponto, e eu fui lhe penetrando, mas sem deixar de olhar para a sua boca, que agora soltara um gemido. Aumentei o ritmo e logo estávamos nos acabando entre gemidos e beijos.

Passei as mãos em seu rosto suado, e ela mordeu meus lábios.

— Hugo, mesmo eu não sendo mais virgem, esta é a minha primeira vez, e não sabe o quanto foi bom. Amo você mais que tudo, e agora o amo ainda mais, porque você me fez sentir coisas que até então eu nunca havia experimentado.

— Minha Ruiva. Por ser a primeira vez, foi na medida certa, mas podemos melhorar. Desculpe, mas você me deixou louco, e não tive tempo para explorar seu corpo, como eu gostaria.

— Você esteve ótimo. Não se cobre tanto, amor. Agora teremos muito tempo pela frente. E também não sei nada sobre a arte de fazer amor, mas sei que irá me ensinar tudo para lhe fazer ainda mais feliz.

Ficamos deitados nos acariciando. Ela estava em meus braços, e era só minha. Iria lhe ensinar tudo que sabia, pois queria que ele sentisse prazer em tudo que eu fizesse com ela.

— O que minha ruiva quer fazer hoje?

— Só ficar com você. Podemos almoçar fora e depois... Bem, depois serei sua até se cansar de mim. Que horas iremos amanhã ao aniversário?

— Na hora do almoço. Quer dizer que será minha até amanhã à noite?

— Inteirinha sua. Não só até amanhã à noite, mas todos os dias da minha vida.

Ouvi-la falar daquela forma, acendeu uma chama dentro de mim, e meu desejo por ela tomou proporções. Virei-a de lado, e logo estava dentro dela, novamente.

Minha menina gemeu, e ouvi-la gemer me deixou em brasas. Apertei seus seios, e comecei a instigá-los com a ponta dos dedos. Ela se contorceu. Desci até a sua abertura, e coloquei a língua, ela gritou de prazer, e eu não resisti.

Mal tive tempo de colocar a camisinha, pois eu estava explodindo por dentro. Ela agarrou meus cabelos, e gritou novamente. Dois orgasmos eram tudo que eu queria proporcionar a ela.

Deitei ao seu lado, e fiquei brincando com uma mecha dos seus cabelos, que agora caíam como cascata sobre meu peito. Ela ergueu o tronco apoiando as mãos em meu peito, e falou ajeitando os meus cabelos para trás.

— Sua namorada está com fome. O que sugere?

— Creio que hoje seria mais adequado pedirmos comida. Não gostaria de sair, a menos que você queira.

— Só o que eu quero é estar com você.

— Minha namorada quer ficar agarradinha comigo?

— O tempo todo.

Levantei e fui até a cozinha pegar o número do restaurante.

Capítulo 27

Ela veio e me abraçou por trás. Escolhemos uma massa. Deixei que ela tomasse banho primeiro, porque não iria conseguir ficar ao seu lado no chuveiro, sem tocá-la novamente.

Depois tomei banho e fui até a cozinha. Ela já havia arrumado a mesa, e estava me esperando. Logo chegou nosso almoço. A comida era muito boa, e eu sempre pedia quando não dava ou não tinha vontade de sair.

Eu a ajudei a tirar a mesa enquanto ela fazia café, depois fomos nos deitar na sala. Estar com ela grudadinha em mim era maravilhoso. Ficamos conversando banalidades e logo ela estava dormindo em meus braços. Antonella parecia uma criança dormindo, e sentia que agora ela estava ainda mais à vontade.



Antonella

Acordei assustada sem saber onde estava, e quando me virei Hugo estava me olhando. Espreguicei e beijei seus lábios.

— Desculpa se te deixei falando sozinho. Não tenho o costume de dormir à tarde, mas estar com você me relaxa. Acredita que eu nunca tive um dia tão lindo como o de hoje?

— Acredito, porque eu estou sentindo a mesma coisa. Pensei em sair um pouco para aproveitarmos esta noite linda, mas já desisti, porque não consigo me desgrudar de você.

Beijei sua boca, e o abracei. Eu também não queria sair dos seus braços. Levantei e fui fazer um bolo para lancharmos, com ele atrás de mim.

Hugo era uma companhia maravilhosa, e eu só queria agradá-lo. Ele me abraçou por trás quando coloquei o bolo no forno, e logo o senti entre as minhas pernas. Ele me sentou na pia, e começou a me provocar.

Não sabia explicar o efeito que aquilo me causava. Meu corpo pedia por ele. Hugo segurou em minhas nádegas com força me puxando para mais junto dele. Abri as pernas para facilitar, e logo ele estava dentro de mim.

Enlacei as pernas ao redor do seu tronco para que eu pudesse senti-lo por inteiro. Senti-lo dentro de mim era algo que não tinha explicação, porque aquilo tudo me preenchendo me dava uma sensação maravilhosa.

Agora meu corpo queimava, e quando olhei para ele, foi uma avalanche de orgasmo. Deitei a cabeça em seu peito sem forças para falar. Ele sorriu e ajeitou meus cabelos.

— Estou sentindo cheiro de bolo queimado, Ruiva.

Desci rapidamente e fui olhar o bolo, enquanto ele ria como louco. Claro que não havia queimado, estava lindo, e havia crescido bastante.

— Que coisa feia mentir, senhor Hugo! Já está pronto. Vou tomar banho, pois meu namorado hoje está bem safadinho.

Ele deu uma gargalhada, e eu fui tomar banho. O bolo estava uma delícia, e ele adorou. À noite assistimos filme, e acabei dormindo na metade.

Acordei na cama com ele me beijando.

— Judiei de você ontem, querida.

Essa era a primeira vez que eu dormia com um homem, e era bom demais. Principalmente por esse homem ser o amor da minha vida.

Não sabia descrever em palavras o quanto ele me fazia feliz. Agora entendia o que era estar nos braços da pessoa amada. Hugo era bem-humorado, e isso era mais uma coisa que eu adorava nele.

Tomei banho, e usei a mesma roupa. Depois teria que pegar minha mochila no carro. Ele havia posto a mesa e feito o café. Achei bonitinho seu gesto, e o beijei.

— Está me acostumando mal, amor. Depois preciso pegar minhas coisas no carro.

— *Me dê as chaves que eu vou buscar e já o coloco na garagem. Você deveria ter colocado ontem.* Não é muito bom deixar o carro na rua sendo que tenho vagas sobrando.

Ele desceu depois do café, fui ajeitar a cozinha e depois arrumei a cama. Passava das 12 horas quando fui me arrumar. Eu havia trazido pouca coisa, desta forma procurei usar o básico. Vesti short jeans com camisa, e fiz trança nos cabelos.

Capítulo 28

Não sabia se estava bem arrumada, pois não conhecia os seus amigos. Quando falei, ele me beijou.

— Está linda, Ruiva. Você fica bem com qualquer roupa. Depois é apenas um churrasco. Fique tranquila, porque você não precisa de grandes produções para chamar atenção das pessoas. Você fica muito sexy de short, sabia?

— Obrigada, meu bem. Acha que vou causar uma má impressão indo de pernas de fora?

— Estará comigo, e meus amigos respeitam muito as mulheres, porque sempre estamos juntos.

— Imagino. Amor você não disse quem aniversaria, e muito menos se comprou presente.

— O aniversário é do meu amigo. Seu nome é Ari, e eu já comprei seu presente na sexta-feira, e está no carro. Agora, melhor irmos.

No carro ele foi falando de cada amigo, e das suas esposas e filhos. Todas elas aderiram as cestas de papai, e isso eu precisava agradecer.

Quando chegamos, ele pegou em minha mão e foi me apresentando a cada um, quando me apresentou a Cláudia, ela me deu um abraço.

— Quer dizer que você é Antonella? Você é linda! Deve ser uma ótima pessoa para ter fisgado o coração deste meu amigo querido.

Sorri e Hugo me abraçou. Pensei que seria difícil me enturmar, mas meia hora depois já estava na roda das mulheres. Cláudia falou das cestas me abraçando.

— Antonella, que coisa mais linda seu pai faz! Fora sua simpatia. Quando ele chega com a cesta as crianças ficam loucas. Há tempos eu queria comprar produtos sem agrotóxico, e quando pedi pela primeira vez, fiquei freguesa... Seu pai é um cavalheiro. Todas nós pedimos, e foi a melhor coisa que fizemos. Nem precisamos sair de casa para ter produtos de qualidade. Estamos adorando, e até as crianças gostam, porque o sabor é diferente, e as folhas são mais crocantes.

— Fico feliz, Cláudia. Papai e vovó adoram cultivar hortaliças e são muito caprichosos. Logo terão frutas, porque os pés estão carregados, mas tem data certa para se colher. As maçãs estão lindas. Sei que vão gostar.

— Que maravilha! Não sabia que tinham frutas também. Já vou deixar avisado que seremos as primeiras depois da colheita.

Hugo se aproximou, e me beijou.

— Viu como as crianças estão comportadas hoje? — Disse Cláudia abraçando Hugo.

— Deu calmantes para elas? — Disse ele me beijando.

Dei uma gargalhada do jeito que ele falou. Cláudia me abraçou, e bateu nas costas de Hugo.

— Vai morrer com seu próprio veneno. Só quero ver quando tiver os seus filhos. Se bem que Antonella tem poderes sobre as crianças. Foi só ela contar uma história e pedir para que desenhassem os personagens, que eles se calaram.

— Tinha que ter sua mão aí, querida. Depois vou dar uma espiada nestes delinquentes juvenis.

— Não fale assim, amor! Eles são crianças, e como todas as crianças saudáveis, gostam de aprontar. Tenho meus truques também.

Não poderia mentir, mas foi o melhor domingo da minha vida. Os amigos de Hugo eram bem-humorados, e as esposas um encanto. Nem preciso dizer que tive de contar mais uma história para que as crianças ficassem caladas enquanto os adultos conversavam. Cláudia falou rindo que eu não poderia mais faltar em nenhum evento deles.

Eu amava crianças, e não foi sacrifício nenhum ficar com elas. Hugo não me largava, e Marcos começou a brincar com ele.

— Deixe a Antonella se divertir com as mulheres, Hugo. Ela não irá fugir.

Hugo deu uma gargalhada, e foi se juntar a eles. Passava das 19 horas quando saímos. Naquele domingo fiz muitas amigas... Amigas que estariam comigo para sempre.

Na garagem ele me beijou.

— Vai subir?

— Melhor não. Amanhã acordo cedo. Que domingo maravilhoso, amor. Adorei seus amigos.

— Eles também te adoraram. Vou te seguindo. Não quero que vá sozinha a esta hora da noite. Da próxima vez eu te pego, e te deixo em casa.

Ele me deu um beijo de tirar o fôlego, e saímos. Fui devagar com ele atrás. Quando o farol fechava ele mandava mensagem.

→ Como vou dormir sem você está noite?

→ Da mesma forma que eu dormirei.

Assim que chegarmos, papai nos viu e veio falar com Hugo.

— Obrigado por acompanhar Antonella, Hugo. Não quer entrar?

Nem deixei que ele respondesse e o puxei para dentro. Vovó veio abraçá-lo e o convidou para sentar. Papai falou sobre as cestas que seriam entregues, e logo ele se levantou.

— Melhor eu ir. Amanhã tenho que estar no Fórum logo cedo.

O acompanhei, e ele me abraçou.

— Semana que vem ficará comigo novamente?

— Tem alguma dúvida?

Depois deste fim de semana, eu comecei a ir para a casa dele toda sexta-feira. Já saía de casa com mochila, e ele ia me buscar no trabalho. Meu pai nunca falou nada e vovó só pedia para que eu tivesse juízo. Mesmo que eles não concordassem eu iria da mesma forma, porque agora Hugo era o meu complemento.

As coisas estavam indo bem. Papai estava tirando um bom dinheiro com as vendas das hortaliças, pois uma amiga foi passando para outra, e agora ele passava dois dias fazendo entregas, e teve de aumentar a horta para dar conta da demanda.

Capítulo 29

Ele contratou um menino como ajudante, para poder adiantar o trabalho. Vovó estava feliz de ver meu pai prosperando, mas sem ela acho que papai jamais daria conta, pois eram as mãos dela que eram mágicas.

Eu estava muito bem no trabalho, e já sabia que logo seria transferida para outro departamento, e consequentemente ganharia bem mais. Ajudei papai reformar a casa com o dinheiro que eu estava guardando, pois agora comprar um carro não era mais minha prioridade.

Nossa casa agora estava mais confortável, e com móveis mais modernos, e foi Hugo que me ajudou a escolher. Só queria dar mais conforto a eles. Vovó adorou sua cozinha nova, e o forno a lenha que mandei fazer ao lado da lavanderia. Vê-los felizes, me deixava mais tranquila.

Meus fins de semana eram maravilhosos, pois Hugo fazia de tudo para me agradar. Até para comprar roupas ele me ajudava. Na cama até eu me surpreendi com as coisas que eu fazia. Estava me superando, e dando mais prazer ao meu amor.

Toda semana íamos a casa de um dos seus amigos, que agora eram meus também. As crianças se apegaram tanto a mim que ficavam contando os dias para eu chegar. Cláudia dizia que eles não eram mais os mesmos, e Hugo dava gargalhadas.

Eu adorava levar revistas e livros para colorir, isso quando não levava canetas para pintar os rostos deles. A pedido meu, as mães incentivavam as crianças a lerem, e isso facilitava muito para acalmá-los.

Hugo era meu parceiro em tudo, e vivia me elogiando. Como não amar um homem que só me colocava para cima? Que via beleza até no café que eu fazia? Um móvel que eu mudava em seu apartamento ele achava lindo e elogiava, mesmo que fosse apenas uma flor no vaso.

Seis meses depois quando estávamos deitados, depois de nos amarmos, ele falou brincando com meus cabelos.

— Ruiva, precisamos conversar, e agora bem sério. Não acho certo você vir todos os finais de semana para ficar comigo. Penso que isso não é certo, e até imagino o que sua família pensa sobre isso. Seu pai nunca disse nada, mas creio que ele deve pensar como eu. O que acha de nos casarmos? Quero você comigo todos os dias da semana, e quero fazer tudo direitinho, porque não sou um irresponsável, e não quero que pensem que só estou tirando proveito desta

situação. Pensei em conversar com seu pai amanhã. O que você acha?

— Acho que não errei quando lhe escolhi para ser meu par. Casar com você é o meu maior sonho. Papai nunca tocou no assunto, mas você está certo, amor. Agora não tem mais volta, porque sou sua e você é só meu. Você me ensinou a ser mulher, e é com você que eu quero envelhecer, porque o amor que eu sinto é tão grande que mal cabe em meu peito. Sim, eu quero muito me casar com você, e lhe dar filhos, pois este é o meu sonho.

— Ah, Ruiva, o que seria da minha vida sem você. Achava que jamais encontraria uma mulher que me despertasse para o amor, e você além de fazer isso, trouxe luz para esta casa. Amo você minha ruiva e também sonho em ter filhos. Filhos que serão nosso complemento. Como não amar uma mulher que só me trouxe felicidade, quando pensei que jamais seria feliz? Invejava meus amigos, e achava que jamais teria uma família, até te encontrar naquele restaurante. Quase um ano se passou, e eu continuo te amando da mesma forma. Deus a colocou em meu caminho e será Ele quem irá abençoar a nossa união. Eu a quero comigo todos os dias da semana, do mês e do ano...

Até chorei com aquela demonstração de amor. Hugo era tudo que eu precisava para ser completamente feliz. Com ele tudo se transformava em festa, porque ele via beleza até nas pequenas coisas que eu fazia.

Teria que agradecer muito a Deus por tê-lo colocado em meu caminho. Antes de conhecer Hugo eu era uma moça sem amigos, sem perspectivas, e sem sonhos. Agora com ele ao meu lado, tudo havia mudado e até meu pai andava cantarolando pela casa.

Esse era o verdadeiro amor. O amor que transformava, que dava sentido as pequenas coisas que antes passavam despercebidas. Casaria-me com ele e o faria o homem mais feliz deste universo...

Epílogo

Naquele mesmo fim de semana Hugo falou com meu pai e com vovó. Eles apesar de nunca terem cobrado nada sobre eu passar os fins de semana com Hugo, ficaram em estado de graça, quando Hugo pediu minha mão em casamento. Já eu não me cabia de tanta felicidade, pois não me via mais sem o meu amor.

Hugo chamou Cláudia com seu marido e Ari e Ivone, para serem nossos padrinhos. Eles ficaram tão emocionados que deram um churrasco para comemorar, e meu pai e vovó foram convidados. Todos adoraram os dois, e a festa foi até tarde.

Nunca havia visto papai e vovó tão à vontade, o que me deixou ainda mais feliz. Papai se enturmou com os amigos de Hugo e vovó com as mulheres. Rimos muito, pois papai tinha mania de contar piadas de políticos, e acabou alegrando o churrasco.

Hugo estava à frente de tudo na organização da festa, e Marcos estava ajudando. Na verdade, seria uma coisa simples para receber nossos amigos, e selarmos a nossa união. Meu amor fechou um salão para poucas pessoas, e este foi o dia mais feliz da minha vida.

Cláudia e as meninas me ajudaram a escolher a roupa. Nada de vestido de noiva, apenas uma roupa simples, mas com muito charme.

Foi uma festa linda, e papai chorou o tempo todo. Apesar de simples foi de muito bom gosto. Todos os seus amigos estavam presentes, o que de certa forma lotou o lugar. Hugo estava lindo, e me fez juras de amor em frente ao altar.

Foi o dia que eu realizei meu sonho de ser sua esposa perante Deus e as leis dos homens.

Conheci muitos amigos juízes, de Hugo, e ele também conheceu alguns advogados que eu havia convidado. Tiramos milhares de fotos, e a festa foi até a madrugada.

Cláudia havia se tornado uma irmã para mim, e agradecia todos os dias por tamanha felicidade. Ela me ajudou em tudo, inclusive em minha indecisão ao escolher as lembranças e nas flores que decoraram o salão. Esta seria minha eterna e querida amiga, para sempre.

No dia seguinte fomos viajar para Portugal, pois esse era um dos meus sonhos, e meu marido me fez a maior surpresa quando chegou com as passagens.

Foi nesta viagem que eu tive certeza que eu jamais encontraria um homem como o meu. Hugo era o meu dono agora e estar casada com ele, fora a coisa mais acertada que fizemos.

Agora sim nossa vida estava perfeita. Hugo me deixava no trabalho todas as manhãs, e como eu saia mais cedo, voltava de táxi, porque nossa casa ficava perto do meu trabalho.

Quando eu chegava sempre preparava alguma coisa para jantarmos, e quando ele chegava, o apartamento ficava pequeno para tanto amor.

Todos os sábados, passávamos para ver a minha família, e já trazíamos nossas hortaliças, que vovó deixava separado. Papai havia trocado de carro, porque aquele além de velho, não dava conta de carregar todas as encomendas.

Estava orgulhosa de ver o quanto eles haviam melhorado de vida. Hugo sempre os convidava para virem à nossa casa, e esse era um dia especial, porque via o quanto eles estavam felizes.

Ver papai se dar bem com meu marido não tinha preço, pois eram os dois homens da minha vida.

Os amigos de Hugo, que agora eram meus também, sempre nos convidavam para ir às suas casas, e eu adorava, pois ríamos de tudo. Agora era amiga de todos, e me divertia na companhia deles.

Meu marido não tinha defeito, na verdade, seu único defeito era ciúmes que ele sentia de mim, mas eu sabia contornar a situação de modo que ele ria quando eu falava que só trabalhava com mulheres, pois era exatamente assim que eu via os outros homens.

Oito meses depois, engravidei, e meu marido convidou todos os nossos amigos e a minha família para dar a notícia. Marcos caiu na risada dizendo que agora Hugo iria sentir na pele o que era grito de criança.

Naquela semana fiz todos os exames, e soubemos ser um menino. Hugo só não soltou rojões naquela hora porque morávamos em apartamento, mas no sábado quando fomos visitar minha família, ele e papai soltaram uma porção deles.

Naquela noite quando chegamos em nossa casa, ele me pegou no colo, e me levou para cama. Quase enlouqueci em seus braços, porque ele sempre me fazia sentir muito prazer. Depois ele me pediu para deitar em seu peito.

— Ruiva eu nem preciso dizer o quanto estou feliz. Ter um filho com você será mais um sonho realizado. Você inundou esta casa de amor, e me inundou de felicidade. Hoje sou outro homem, e devo isso a você. Somos uma

dupla e logo seremos um trio. Você é o meu par perfeito, minha outra metade...

O beijei porque eu sabia o quanto ele sonhava em ter um filho. Ele dizia que eu havia mudado a sua vida, quando na verdade fora ele que mudou a minha, quando pensei que nada mais teria jeito. Depois que o conheci tudo entrou nos eixos, e tudo tomou forma.

Ele sim havia me salvado de mim mesma, porque antes de conhecê-lo eu era uma mulher amedrontada, e cheia de culpa por ver meu pai tão desacreditado na vida.

Agora eu era feliz e livre dos meus fantasmas. Acreditava quando vovó dizia que todos tinham seu par, e o meu estava ali do meu lado. Ele era mais que a minha metade... Era meu maior pedaço... O pedaço que me faltava... Meu complemento... Minha vida.

F I M

Table of Contents

<u>Capítulo 1</u>
<u>Capítulo 2</u>
<u>Capítulo 3</u>
<u>Capítulo 4</u>
<u>Capítulo 5</u>
<u>Capítulo 6</u>
<u>Capítulo 7</u>
<u>Capítulo 8</u>
<u>Capítulo 9</u>
<u>Capítulo 10</u>
<u>Capítulo 11</u>
<u>Capítulo 12</u>
<u>Capítulo 13</u>
<u>Capítulo 14</u>
<u>Capítulo 15</u>
<u>Capítulo 16</u>
<u>Capítulo 17</u>
<u>Capítulo 18</u>
<u>Capítulo 19</u>
<u>Capítulo 20</u>
<u>Capítulo 21</u>
<u>Capítulo 22</u>
<u>Capítulo 23</u>
<u>Capítulo 24</u>
<u>Capítulo 25</u>
<u>Capítulo 26</u>
<u>Capítulo 27</u>
<u>Capítulo 28</u>
<u>Capítulo 29</u>
<u>Epílogo</u>